CARTA AO LEITOR

AMOR À CAMISA

PLACAR já nasceu pé-quente para os atleticanos. Logo no primeiro ano de existência da revista, 1970, o Galo quebrava uma longa dominação do Cruzeiro no futebol mineiro. No ano seguinte, o clube conquistava o primeiro Campeonato Brasileiro e três jogadores seus eram premiados com a Bola de Prata de PLACAR. Mas a grande fase atleticana dos anos 70 viria alguns anos depois, quando a grande geração de Cerezo e Reinaldo chegou ao amadurecimento. O hexacampeonato mineiro, conseqüência disso, foi relatado em algumas das melhores reportagens da revista nesse período, assim como momentos menos felizes do clube, como a lamentável eliminação da Libertadores de 1981. A história desse jogo, é claro, não podia faltar nesta edição.

PS.: *A camisa do Atlético que ilustra a capa desta edição foi usada por Ronaldo na histórica decisão do Brasileiro de 1971, no Maracanã. Pertence ao próprio Ronaldo.*

ANDRÉ FONTENELLE, REDATOR-CHEFE

SUMÁRIO

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente Executivo e Diretor Editorial: Thomaz Souto Corrêa
Vice-Presidente Comercial: Carlos R. Berlinck
Diretor de Publicidade: Paulo Cesar Araújo
Vice-Presidente de Negócios: Giancarlo Civita

Diretor de Núcleo: Paulo Nogueira

Diretor de Redação: Sérgio Xavier Filho **Diretor de Arte:** Fábio Bosquê Ruy **Redator-Chefe:** André Fontenelle **Editor de Fotografia:** Ricardo Corrêa Ayres **Editores Especiais:** André Rizek, Arnaldo Ribeiro e Fabio Volpe **Repórteres:** Eduardo Cordeiro, Léo Romano e Rodrigo Garofalo **Subeditor de Fotografia:** Alexandre Battibugli **Fotógrafo:** Eduardo Monteiro (RJ) **Diagramadores:** André Koguti e Crystian Cruz **Atendimento ao Leitor:** Silvana Ribeiro **Colaboraram:** Leonardo Fuhrmann, Marcelo Monteiro, Renata Chiurciu, Rita Palon

APOIO EDITORIAL: Depto. de Documentação: Susana Camargo **Abril Press:** José Carlos Augusto **Nova York:** Grace de Souza **Paris:** Pedro de Souza **Rio de Janeiro:** Débora Chaves

Diretor Comercial: Alexandre Caldini

MARKETING E CIRCULAÇÃO: Diretor: Ricardo Packness de Almeida **Gerente de Produto:** Euvaldo Junior **Assistente de Produto:** Erica Lemos **Promoções e Eventos:** Marina Decânio **Projetos Especiais:** Cristina Ventura
PUBLICIDADE: Diretores: Eliani Prado, Rogério Gabriel Comprido, Sérgio Ricardo do Amaral **Gerentes:** Cristiane Tassoulas, Ricardo Luttgardes (RJ) **Executivas de Negócios:** Leda Costa (RJ), Maria Isabel Mandia **Executivos de Contas:** Emiliano Hansenn, Henri Marques (RJ), Renata Miolli
PROCESSOS: Gerente de Produção: Andrea Giovanni Spelta **Coordenadores de Publicidade:** Irla Ferneda, Renato Rosante **Coordenador de Produção:** Ricardo Carvalho
PLANEJAMENTO E CONTROLE: Gerente: Auro Iasi **Consultora Financeira:** Lourdes Oliveira

Gerente Escritório Brasília: Angela Rehem de Azevedo **Diretor de Publicidade Regional:** Jacques Ricardo **Diretor Escritório Rio de Janeiro:** Paulo Renato Simões **Representante em Portugal:** Manuel José Teixeira **Diretor de Publicidade - Classificados:** Pedro Codognotto
ASSINATURAS: Diretora de Operações de Atendimento ao Consumidor: Ana Dávalos
Diretor de Vendas: William Pereira

EM SÃO PAULO: Redação e Correspondência: av. das Nações Unidas, 7221, 15º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel.: (11) 3037-2000, fax: (11) 3037-5638 **Publicidade:** av. das Nações Unidas, 7221, 14º andar, Pinheiros, CEP 05425-902.
ESCRITÓRIOS E REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE NO BRASIL: Belo Horizonte: av. do Contorno, 5919, 9º and., Bairro do Carmo, CEP 30110-100, Vânia R. Passolongo, tel.: (31) 282-0630, fax: (31) 282-8003 **Blumenau:** r. Florianópolis, 279, Bairro da Velha, CEP 89036-150, M. Marchi Representações, tel.: (47) 329-3820, telefax: (47) 329-6191 **Brasília:** SCN - Q.1 bl. Ed. Brasília Trade Center, 14º and., sl. 1408, CEP 70710-902, Solange Tavares, tel.: (61) 315-7575, fax: (61) 315-7558 **Campinas:** r. Conceição, 233, 26º and., conjs. 2613/2614, CEP 13010-916, CZ Press Com. e Representações, telefax: (19) 3233-7175 **Curitiba:** av. Cândido de Abreu, 651, 12º and., Centro Cívico, CEP 80530-000, Marlene Hadid, tel.: (41) 352-2426, fax: (41) 252-7110 **Florianópolis:** r. Manoel Isidoro da Silveira, 610, sl. 107, Com. Via Lagoa da Conceição, Interação Publicidade, tel.: (48) 232-1617, telefax: (48) 232-1782 **Fortaleza:** av. Desembargador Moreira, 2020, sls. 604/605, Aldeota, CEP 60170-002, SRS Propaganda e Repres. e Com. Ltda., telefax: (85) 264-3939 **Goiânia:** r. 10, 250, lj. 2, Setor Oeste, CEP 74120-020, Middle West Repres. Ltda., tel.: (62) 215-3274, telefax: (62) 215-5158 **Joinville:** r. Dona Francisca, 260, cj. 1408, Centro, CEP 89201-250, Via Mídia Proj. Editoriais Mkt. e Repres. Ltda., telefax: (47) 433-2725 **Londrina:** r. Mancel Barbosa da Fonseca Filho, 500, Jd. San Fernando, CEP 86040-550, Best Seller Repres. Com., telefax: (43) 325-9649 **Porto Alegre:** r. dos Andradas, 1001, sl. 902, Centro, CEP 90020-007, Ana Lúcia R. Figueira, tel.: (51) 3211-6744, fax: (51) 3211-6908 **Recife:** av. Dantas Barreto, 1186, 15º and., sl. 1501, São José, CEP 50020-000, MultiRevistas Publicidade Ltda., telefax: (81) 424-3210 **Ribeirão Preto:** r. João Penteado, 190, CEP 14025-010, Intermídia Repres. e Publ. S/C Ltda., tel.: (16) 635-9630, fax: (16) 635-9233 **Rio de Janeiro:** Praia de Botafogo, 501, 1º and., bl. B, Botafogo, CEP 22250-040, Paulo Renato Simões, tel.: (21) 2546-8100, fax: (21) 2546-8201 **Salvador:** av. Tancredo Neves, 805, sl. 401, Edif. Espaço Empresarial, Pituba, CEP 41820-021, AGMN Consult. Publ. e Repres., telefax: (71) 341-4992/4996 **Vitória:** av. Rio Branco, 304, 2º and., cj. 44, Sta. Lúcia, CEP 29055-916, DU'Arte Propag. e Marketing Ltda., telefax: (27) 325-3329
ESCRITÓRIOS NO EXTERIOR: Nova York: 104 West 27th Street, 11th floor, New York, N.Y. 10001, tel.: (1-212) 924-0001, fax: (1-212) 929-5157, e-mail: abril@walrus.com **Paris:** 33, rue de Miromesnil, 75008 Paris, tel.: (00331) 42.66.31.18, fax: (00331) 42.66.13.99, e-mail: abril-paris@wanadoo.fr **Portugal - Importação Exclusiva e Comercialização:** Abril-Controljornal-Editora, Lda., Largo da Lagoa, 15C, 2795 Linda-a-Velha, tel.: (003511) 416-8700, fax: (003511) 416-8701. Distribuição: Deltapress-Sociedade Distribuidora de Publicações, Lda., Capa Rota, Tapada Nova, Linhó, 2710 Sintra, tel.: (003511) 924-9940, fax: (003511) 924-0429

EDITORA ABRIL: Interesse Geral: Veja, Veja São Paulo, Veja Rio, Veja Edições Regionais, Veja na Sala de Aula, Superinteressante, Web **Negócios:** Exame, Brasil em Exame, Melhores & Maiores, Você S.A., Info Exame **Femininas:** Claudia, Claudia Cozinha, Elle, Nova, Nova Beleza, Capricho, Manequim, Ponto Cruz, Faça e Venda, Boa Forma, Viva Mais!, Anamaria, Contigo, Minha Novela, Horóscopo **Masculinas:** Playboy, Placar, Quatro Rodas, Vip **Turismo e Aventura:** Viagem e Turismo, National Geographic **Guias:** Brasil, Rodoviário, São Paulo, Rio de Janeiro, Campinas, Belo Horizonte, Estradas, Praias, Mapas das Capitais, Rio-Santos, Atlas Rodoviário **Casa e Família:** Casa Claudia, Arquitetura & Construção, Saúde!, Bons Fluidos **Infanto-Juvenis:** Ação Games, Recreio, Digimon, Disney, Super-heróis, revistas e livros de atividades **Abril Multimídia:** Livros Ilustrados, CDs, Fascículos e Vídeos em Séries **Anuários:** Almanaque Abril, CD-ROM do Almanaque Abril, Guia Abril do Estudante
Editora Caras, Editora Símbolo, Abril Controljornal/Edipresse, em Portugal, Editorial Primavera, na Argentina
Internet: Idealyze, Abril.com, UOL, Usina do Som, @jato **Entretenimento:** MTV Brasil, Abril Music, Abril Eventos, Abril Produções **TVA:** TVA Rio, TVA Sul Paraná, TV Filme Goiânia, TV Filme Brasília, TV Filme Belém **Datalistas:** O maior e mais completo banco de dados do país **Educação:** Editora Ática, Editora Scipione **Fundação Victor Civita:** Nova Escola

PLACAR 1201 (ISSN 0104-1762), ano 32/nº 31, é uma publicação semanal da Editora Abril S.A. **Edições anteriores:** solicite ao seu jornaleiro ou pelo e-mail: abril.ea@abril.com.br. O preço será o da última edição em banca, acrescido da tarifa de postagem quando for enviada pelo correio (sempre que houver disponibilidade no estoque). Distribuída em todo país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

IVC | IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A. | ANER

www.abril.com.br

Presidente e CEO: Roberto Civita
Gabinete da Presidência: José Augusto Pinto Moreira, Thomaz Souto Corrêa
Vice-Presidentes: Carlos R. Berlinck, Cesar Monterosso, Giancarlo Civita, José Wilson Armani Paschoal, Valter Pasquini

FOI O PRIMEIRO TÍTULO DO ATLÉTICO NO MINEIRÃO. Aproveitando a desconcentração dos cruzeirenses campeões do mundo Tostão e Piazza, Telê Santana soube quebrar um jejum de sete anos do Galo

AQUI O GALO. VIVA!

O Atlético de Três Corações fez tudo para impedir a festa do Atlético, que sofreu até os 30 minutos do segundo tempo, quando marcou seu primeiro gol. Final: 2 x 0

>> ARTHUR FERREIRA

O mulato alto e magro, com apenas 16 anos, pulou na geral, enfrentou o primeiro policial, o segundo, quantos se colocaram à sua frente, venceu todos e, dentro do gramado do Mineirão, soltou seu grito de guerra: "Ga-lô!"

— Eu tinha que abraçar Dario, ele nos deu um campeonato.

José Vítor Fonseca tinha apenas 9 anos quando o Atlético foi campeão pela última vez. E, na tarde de domingo, quando invadiu o campo, ele foi apenas o primeiro de mais de mil torcedores atleticanos.

Dario não jogou, mas, ao entrar no gramado para abraçar os companheiros, foi carregado em triunfo pelos torcedores. O Atlético de Três Corações fez tudo para impedir a festa do Atlético, que sofreu até os 30 minutos do segundo tempo, quando marcou seu primeiro gol. Final: 2 x 0.

Vaguinho, em meio à festa, oferecia os gols que fez aos seus pais:

— Desde 65 eu esperava o título como torcedor. Agora o ganhei como jogador.

O que aconteceu com o Atlético, que, de uma hora para outra, de eterno saco-de-pancadas do Cruzeiro voltou a ser o Galo Forte, a alegria da maioria dos mineiros? Uns dizem que foi a contratação do técnico Telê, a responsabilidade que ele incutiu nos jogadores, sua liderança democrática, muito diferente dos métodos de trabalho de Iustrich. Outros afirmam que o Atlético se beneficiou da queda do Cruzeiro, que não teve tempo para entrosar o time — seus jogadores (convocados para a Seleção) chegaram a Belo Horizonte nas vésperas do campeonato.

Talvez a segunda hipótese tenha alguma importância para explicar a queda do Cruzeiro, a facilidade com que o Atlético se distanciou de seu maior rival. Mas nada tem a ver com as vitórias do Atlético, hoje muito diferente do time do ano passado, embora sempre cheio de fibra e entusiasmo.

— Meu primeiro problema foi dar aos jogadores um mínimo de tranqüilidade, convencê-los de que seriam capazes de vencer qualquer adversário, inclusive o Cruzeiro.

Em fins do ano passado, o Atlético era um clube desorganizado, sem futuro. Então, velhos atleticanos decidiram voltar. Nélson Campos, o presidente, presidiu o clube no pentacampeonato de 1952 a 1956. Organizado o clube, entrosado o time, o Atlético entrou no campeonato decidido a quebrar o encanto do Mineirão: depois da inauguração do estádio, o Cruzeiro venceu todos os títulos, com o Atlético sempre em segundo.

Que fez o Atlético no atual campeonato? Venceu 18 jogos e perdeu apenas um, no turno, para o Sport, por 1 x 0. Tem 44 gols a seu favor, sofreu dez.

O Atlético venceu o Fluminense de Araguari, na quarta-feira, dia 26, por 1 x 0. Acontece que o juiz José Assis de Aragão, depois do jogo, descobriu que não tinha dado um gol do Fluminense, que viu no video-tape: a bola furou a rede. O Fluminense entrou com um recurso e o jogo pode ser anulado. Mas muitos pontos à frente de seus adversários, bem armado, confiante, mais que nunca o Galo Forte, o Atlético e sua torcida já festejam mais um título mineiro.

"EM FINS DO ANO PASSADO, O ATLÉTICO ERA UM CLUBE DESORGANIZADO, SEM FUTURO. ENTÃO, VELHOS ATLETICANOS DECIDIRAM VOLTAR. NÉLSON CAMPOS, O PRESIDENTE, PRESIDIU O CLUBE NO PENTACAMPEONATO DE 1952 A 1956"

30/8/70 MINEIRÃO (BELO HORIZONTE)
ATLÉTICO 2 X ATLÉTICO-TC 0
J: Witan Marinho; **R:** Cr$ 116 100;
G: Vaguinho 33 e 36 do 2º
ATLÉTICO: Careca, Humberto, Grapete, Vantuir e Cincunegui; Vanderlei e Oldair; Vaguinho, Laci, Pedrilho (Romeu) e Tião. **T:** Telê Santana
ATLÉTICO-TC: Tião, Marcílio, Peconick, Aloísio e Geraldo; Miro e Petronilho; Roberto Batata, Valdir, Luís Fábio e Zé Mário. **T:** Crispim

Dois lances de Dario no estadual de 1970: um ídolo em formação

O PRIMEIRO CAMPEONATO NACIONAL OFICIAL, sucessor da Taça de Prata, marcou o triunfo histórico do Atlético-MG de Telê Santana e Dario. Foi no Maracanã, em cima do Botafogo

CAMPEÃO DO BRASIL

Antes da final, teve gente que disse que o Galo era "imaturo". Mas o time fez o que bem entendeu: não recuou, obrigou o Botafogo a brigar ali no meio-de-campo e soube ir à vitória quando teve oportunidade >> POR TEIXEIRA HEIZER

O Atlético, mineiramente, dividiu o fubá: um pouco para a época da colheita, outro bocado para o tempo das vacas magras. Ele foi assim ao vencer o Botafogo, no Maracanã, conquistando o título de campeão nacional.

Até o gol, sua torcida (20 mil pessoas vieram de Minas) trabalhou em silêncio. Depois explodiu:

– Ga-lo!

Era só o que se ouvia, enquanto, cautelosamente, o time trocava passes, vez por outra procurando o gol do Botafogo para mostrar que estava bem vivo.

O Atlético da vitória sobre o Botafogo foi diferente do time explosivo – embora bem estruturado – de outros jogos. Se a vitória não lhe sorrisse, ele se daria por satisfeito com o empate. Por isso, mudou sua estratégia de jogo.

Antes do jogo, Telê dissera a um amigo que seu time trocaria passes entre as duas intermediárias, tentando atrair o Botafogo para aquela faixa. E foi entre as duas linhas que Vanderlei, Humberto Ramos, Ronaldo, Oldair, Lola (depois Spencer) e Tião rolaram a bola, num jogo torturante para a torcida mineira – que desejava a vitória a qualquer custo –, mas compensador para os planos de Telê. Nem mesmo os cochilos da defesa, algumas vezes envolvida pelo talento de Jairzinho, chegaram a perturbar os planos do Atlético.

Marcando o gol, aí sim o bloco intermediário ajustou-se à realidade: caiu na defesa e deixou Dario sozinho na frente:

– Mesmo só, levei vantagem. Mostrei que sou um grande artilheiro.

Se Dario foi eleito por alguns comentaristas para ganhar os prêmios, Telê reservou seu primeiro abraço para Humberto Ramos, melhor jogador do Atlético e autor intelectual do gol.

– Hoje sou um homem realizado. Fui campeão infanto-juvenil, juvenil e de profissionais pelo Fluminense. Campeão mineiro e nacional pelo Atlético (Telê).

– Telê deveria ser o técnico da Seleção. Seríamos campeões mundiais novamente (Néri Campos, diretor de futebol do Atlético).

Nas cadeiras especiais, andando com dificuldade, um homem não era notado pelos torcedores:

– Eu poderia estar ali. Fazendo gols, ganhando este título. Vou abraçar meus excompanheiros e meu amigo Telê. Acima de tudo, sou torcedor do Atlético (Vaguinho).

Na cabine de uma televisão, um terceiro interessado no jogo via, melancolicamente, diluírem-se suas esperanças de conquista do título nacional. Era Poy, que comentou o jogo.

– Não foi uma grande partida. Lamento que o Botafogo não tenha tido forças para vencer o Atlético.

Para os dirigentes do Botafogo, o título ficou em boas mãos. Eles preferiam desencadear suas frustrações sobre Armando Marques. O técnico Paraguaio falou pouco e certo:

– Ganhou o time mais homogêneo do Nacional.

Nas arquibancadas, a torcida do Botafogo saía humildemente – tinha sabido perder com honra.

Mas, do lado esquerdo da tribuna de honra, enquanto Oldair erguia com dificuldade a pesada e valiosa Taça de Prata, uma torcida ruidosa, ajudada por bandeiras de Flamengo, Fluminense e Vasco, não parava de gritar. Tinha dado Galo na cabeça.

"TELÊ DEVERIA SER O TÉCNICO DA SELEÇÃO. SERÍAMOS CAMPEÕES MUNDIAIS NOVAMENTE"
NÉRI CAMPOS, DIRETOR DE FUTEBOL DO ATLÉTICO

SEBASTIÃO MARINHO

19/12/71 MARACANÃ (RIO)
BOTAFOGO 0 X 1 ATLÉTICO-MG
J: Armando Marques (SP); **R:** Cr$ 294 420; **G:** Dario 16 do 2°; **E:** Carlos Roberto 40 e Mura 42 do 2°
BOTAFOGO: Wendell, Mura, Djalma Dias, Queiroz e Valtencir; Carlos Roberto e Marco Aurélio (Didinho); Zequinha, Nei Oliveira, Jairzinho e Careca (Tuca). **T:** Paraguaio
ATLÉTICO: Renato, Humberto Monteiro, Grapete, Vantuir e Oldair; Vanderlei e Humberto Ramos; Ronaldo, Lola (Spencer), Dario e Tião. **T:** Telê Santana

PAULO NEM

Telê e o povo, Dario e o gol: cautela mineira

UMA SEMANA APÓS A CONQUISTA DO BRASILEIRO, em sua edição de 24 de dezembro, PLACAR analisava os bastidores do clube

A VOLTA DO GALO

Nada melhor para recuperar a hegemonia em seu próprio Estado do que um título nacional. Mais uma vez, o Galo passa a ser o primeiro em tudo

Campeão 23 vezes, campeão dos campeões, Galo Vingador. Esse é o Atlético de 63 anos, clube de muita torcida, o maior partido de Minas (segundo o presidente Médici). Todo o seu império não está exposto numa ampla sala da sede social, representado pelos 313 troféus e taças conquistados até hoje. O grande Atlético Mineiro, símbolo de amor e de luta, está espalhado por todos os cantos.

— O Atlético é a minha própria vida.

Quem fala assim é Júlio, chefe da torcida do Atlético, que já provou todo o seu amor pelo clube, tornando-o herdeiro de sua fortuna de 5 milhões de cruzeiros. Ele divide com o Atlético e sua rede de armazéns populares em Belo Horizonte as preocupações da vida. Solteiro, tranqüilo, ele vive o time em todas as horas. Treino do Atlético, lá está o Júlio. Reunião da diretoria, lá está o Júlio.

— Com o Atlético campeão, eu quero um dia de feriado. A cruzeirada vai trabalhar pra gente.

Este é o pedido de uma garçonete do Café Nice, principal ponto de reunião da torcida em Belo Horizonte, entusiasmada com a volta de seu time à liderança do futebol de Minas. Todo mundo está vivendo de alegrias, até parece que o Natal virou carnaval. Ser campeão dos campeões em 1936 (vencendo o Fluminense na última partida) era seu maior título nacional até hoje.

— Temos a mania de ganhar campeonatos.

Essa é a euforia do presidente Nélson Campos, líder desde 1950, quando foi convidado pelo presidente Geraldo Vasconcelos para a diretoria. Depois passou para a presidência do Conselho Deliberativo, com uma promessa à torcida que começava a desanimar ante o Cruzeiro.

— Está na hora de voltarmos à liderança em Minas. Prometo isso em menos de dois anos.

Com o Atlético campeão, o presidente considera que sua promessa foi cumprida. E a ele cabe realmente uma parcela pela situação que o Atlético desfruta agora. Recebeu o clube cheio de dívidas (6 milhões de cruzeiros) e desacreditado. Foi campeão mineiro (1970), terceiro colocado da Taça de Prata do ano passado e, agora, campeão do Brasil.

— Acabamos com a audácia das minorias.

Essa frase de Fábio Fonseca ficou célebre em Minas. Chegar ao lugar que ocupa agora não era fundamental; para o Atlético, importante era impedir o crescimento do Cruzeiro, uma força nova que o ameaçava no futebol mineiro. Hoje Fábio Fonseca diz que está despreocupado.

— Nossa ascensão vai iniciar mais 20 anos de domínio em Minas, tenho a certeza.

O Atlético do futuro, para Fábio Fonseca, é o que está sendo construído na Vila Olímpica e vai representar sua base econômica. Dois campos de futebol, piscina, quadras de vôlei e basquete, tudo para o conforto do associado.

Para mostrar que o Atlético é grande também por dentro, Fábio Fonseca mostra como funciona o departamento de futebol:

— Nossa escola de futebol é inigualável, e este é um dos segredos do Atlético de hoje.

Mas o verdadeiro segredo das vitórias está no apoio da torcida. As rendas do Atlético, só nas fases de classificação e semifinal, chegaram a Cr$ 3 475 958,50, com um público pagante de 625 876 pessoas. Assim o Atlético pôde pagar em dia, dar bons bichos e ainda guardar dinheiro para as próximas contratações. Segundo o presidente Nélson Campos, a de Mazurkiewicz não vai ser a última para 1972.

— Enquanto a torcida comemora o título, nós pensamos na Taça Libertadores da América.

E lá vai o o Galo.

"'ACABAMOS COM A AUDÁCIA DAS MINORIAS.' ESSA FRASE DE FÁBIO FONSECA FICOU CÉLEBRE EM MINAS"

SEBASTIÃO MARINHO

Vantuir disputa com Jairzinho na decisão: deu Galo no Maracanã

MILHARES DE PESSOAS foram ao aeroporto receber o time, que conquistou em La Coruña o Torneio Conde de Fenosa, uma das maiores vitórias internacionais do Galo

ELES SÃO UNS ARTISTAS

Fora as mancadas de sempre — a maioria dos jogadores nunca tinha viajado ao exterior —, o Galo voltou da excursão cantando alto para cima do Cruzeiro, embora tenha faturado baixo em termos financeiros

» POR SÉRGIO A. CARVALHO

Ao partir, a delegação do Atlético exibia a mesma alegria do cara que acertou inteirinho o milhar da loteria – para ganhar o quinto prêmio, uma mixaria desgraçada. Afinal, o programa só garantia uma excursão ao continente africano – e alguns jogadores, à falta de melhores perspectivas, logo começaram a planejar caçadas de elefantes, girafas e leões. Ninguém pensou em cobras, coisa que não existe no futebol africano.

A delegação desembarcou no aeroporto de Douala, na República dos Camarões. Para alguns, tudo bem – afinal, o idioma da terra é o francês. Não houve complicação alguma na África, nem mesmo quando os jogadores resolveram formar um conjunto e descobriram que faltavam dois instrumentos: um atabaque e um violão. Logo os dirigentes conseguiram os dois instrumentos.

A excursão pela África chegava ao fim quando os mineiros descobriram que acabavam de acertar o quarto prêmio da loteria – eles iriam à Romênia, para um jogo. Um jogo duro, já que o adversário seria a Seleção Romena. Não foi tanto assim, pois o Atlético enfrentou o Steaua de Bucareste, bicampeão nacional – com apenas seis titulares da Seleção. No fim, Atlético 3 x 0.

Foi uma boa vitória sobre o clube romeno – tanto assim que os mineiros ganharam o terceiro prêmio da loteria: um jogo em Roma, contra a Lazio. Nessa partida, a Lazio acabou coma uma série invicta de 46 partidas do Atlético – a reboque de um juiz patriota.

A ótima exibição em Roma garantiu o segundo prêmio da loteria – participar de um torneio na Espanha. Um prêmio obtido meio por acaso. O Dínamo de Kiev era inicialmente a equipe convidada para participar do Torneio Internacional de La Coruña. Mas resolveu punir oito de seus jogadores pela derrota da União Soviética nas Olimpíadas – e ficou sem time.

O empresário Zacour fez um dos melhores negócios de sua vida: o Atlético, com toda a sua banca, jogou para ganhar menos de 6 mil dólares por partida. Naturalmente o preço pago nada tinha a ver com a promoção do Atlético, que foi apresentado pelos jornais espanhóis como "grande campeão do futebol brasileiro, com um time integrado por nove jogadores internacionais".

A estréia foi contra o Celta – um jogo que começou fácil e acabou complicado. O Atlético vencia por 2 x 0 e de uma hora para outra desandou a jogar mal. Ao fim do tempo regulamentar, o mingau tinha caroço: 2 x 2. Menos mal que na série de pênaltis tudo ficou claro: Atlético 5 x 4.

– Sabe o que foi? A saudade já era demais. Eu estava doido para voltar. Só mesmo na hora da batucada a gente esquecia um pouco (Danival).

A decisão foi contra o Deportivo La Coruña. O Atlético ganhou por 4 x 2 e recebeu uma taça de prata, bronze e ouro com 1,35 m de altura.

Era o primeiro prêmio – cuja consagração aconteceria nas ruas de Belo Horizonte. Quando o avião chegou, mais de 2 mil pessoas pareciam aguardar um time campeão do mundo. E o aeroporto já virava um caos, pois nenhum policiamento extra fora pedido. Assim que os jogadores começaram a descer a escada do avião, foguetes passaram a explodir na pista. E no instante em que Toninho Cerezo e Ortiz surgiram com o troféu nos braços ninguém segurou a torcida – que arrebentou os portões da base aérea e invadiu a pista, para carregar jogadores e taça, numa cena jamais vista em Belo Horizonte.

"O LAZIO ACABOU COMA UMA SÉRIE INVICTA DE 46 PARTIDAS DO ATLÉTICO — A REBOQUE DE UM JUIZ PATRIOTA. OS JORNAIS ROMANOS FIZERAM CORO COM AS LAMENTAÇÕES MINEIRAS"

29/8/76 RIAZOR (LA CORUÑA)

DEPORTIVO LA CORUÑA 2 X 4 ATLÉTICO

J: Saiz Elizondo (Espanha); **G:** Paulo Isidoro 12, Reinaldo 28, Piris 29 e Vantuir (contra) 45 do 1º; Getúlio 5 e Reinaldo 26 do 2º

DEPORTIVO: Buyo, Pardo, Piris, Belló e Piña (Balestra); Albino e Piño; García, Castro, (Treba), Núñez e Pousada.

T: Hector Rial

ATLÉTICO: Ortiz, Getúlio, Márcio, Vantuir e Dionísio; Toninho Cerezo, Alfredo e Paulo Isidoro; Cafuringa, Reinaldo e Ângelo.

T: Barbatana

A torcida invade a pista do aeroporto: uma recepção nunca vista

UMA DAS MAIORES DUPLAS DA HISTÓRIA DO GALO estava no auge nesse ano: Reinaldo e Paulo Isidoro. A tal ponto que PLACAR os comparou a ninguém menos que Pelé e Coutinho

A TABELINHA INFERNAL

Para alguns, Reinaldo, o homem do muitos gols, é o melhor. Mas outros vêem na categoria de Paulo Isidoro um jogador mais técnico. Nem sempre foi assim

>> POR SÉRGIO A. CARVALHO

Eles estão mais para garnizés do que para galos mutucas — e são obrigados a enfrentar zagueirões dispostos a tudo na zona do agrião. Vivos, valem-se da surpresa como arma: quase no mesmo instante armam a jogada na linha média e aparecem na zona de chute para concluí-la. Rápidos, compensam com agilidade o que lhes falta em impacto: chegam sempre antes nas bolas divididas, roubam o ouro que o bandido julga seu. Fazem muitos gols. Por isso, Reinaldo e Paulo Isidoro se afirmaram como a melhor dupla de área do Atlético desde os velhos tempos do glorioso pentacampeonato do estádio Independência.

Estrearam há quase um ano e só agora descobriram que o talento deles é a grande arma do time. Coisas da vida, principalmente em times saudosos de um grande ídolo. Caso do Atlético, onde as viúvas de Dario ainda são encontradas.

Uma dupla volta e meia desfeita, tudo por causa das seguidas contusões de Reinaldo — o que joga mais adiantado, mais próximo da foice que os zagueirões usam em cada pé, sempre vítima de entradas maldosas. Quando bom, entretanto, Reinaldo volta ao time e sempre marca sua presença com muitos gols. Os zagueiros batiam, Reinaldo ficava quebrado e logo apareciam os que o acusavam de canela de vidro.

Paulo Isidoro também foi contestado por muitos — e até não compreendido. Primeiro, acharam que ele era centroavante, um novo Ubaldo, o maior ídolo da torcida antes de Dario. E foi justamente na sua estréia, no Brasileiro passado, quando fez a primeira tabelinha com Reinaldo, que afinal descobriram sua escondida vocação de craque — mas ainda julgaram que ele fosse um homem de frente, de ganhar a bola à custa de peitadas.

— Não é nada disso. O Paulinho não pode jogar muito adiantado, atua melhor na armação das jogadas, embora não se possa esquecer sua ótima visão de gol e a boa técnica, capaz de com ela decidir um jogo por conta própria (Barbatana, técnico do Galo).

Para alguns, Reinaldo, o homem dos muitos gols, é o melhor. Mas outros vêem na categoria de Paulo Isidoro um jogador mais técnico. Nem sempre foi assim.

— Tive de vencer muitas dificuldades. Fui emprestado ao Nacional de Manaus e nem mesmo consegui ser titular. Voltei a Belo Horizonte e quase fui emprestado de novo — para o mesmo Nacional, que não me quis. Fiquei, e o Telê me deu a chance que eu esperava. Entrei sem nunca ter treinado entre os titulares, era o que se chama de reserva absoluto.

Foi estrear e ganhar a massa. Telê o manteve no time, ele começou a se aprimorar tecnicamente, com um detalhe: não teve de modificar suas características, técnico algum jamais lhe pediu tal coisa.

A caminhada de Reinaldo foi mais rápida: começou no dente-de-leite, passou rapidamente pelo juvenil e logo estava entre os profissionais.

Uma dupla perfeita. Contra o Atlético Paranaense a dupla foi chamada de infernal. Reinaldo fez três e ao sair de campo machucado — no joelho — foi cumprimentado pelo técnico Geraldino:

— Menino, você é muito mais do que ouvi falar. Aperto sua mão pela primeira vez e quero apertá-la no Maracanã, com a camisa da Seleção.

Um cumprimento que marcava o instante em que a tabelinha entrava em recesso: Barbatana, a torcida e Paulo Isidoro aguardam ansiosamente o momento em que Reinaldo voltará ao time.

"FOI JUSTAMENTE NA ESTRÉIA DE PAULO ISIDORO, NO BRASILEIRO PASSADO, QUANDO FEZ A PRIMEIRA TABELINHA COM REINALDO, QUE AFINAL DESCOBRIRAM SUA ESCONDIDA VOCAÇÃO DE CRAQUE"

O Rei: os cabelos ainda não haviam escasseado, muito menos os gols

ERA UM CONFRONTO DE GERAÇÕES. A média de idade do Cruzeiro era de 28,1 anos; a do Atlético era de 22,5. O Galo preparava a geração que dominaria o futebol mineiro durante quase uma década

GALO TEVE MAIS GARRA E CLASSE: CAMPEÃO INVICTO

O Atlético jogou como há muito não faz um time de massa: no toque de bola rápido e rasteiro; com dribles curtos e desconcertantes; com incrível noção de conjunto

>> POR SÉRGIO A. CARVALHO

Sete anos após ganhar seu único título no Mineirão e 17 depois de ganhar um campeonato decidindo na final com o Cruzeiro, o Atlético sacudiu sua torcida no domingo, ao vencer o Cruzeiro pela segunda vez em sete dias — o que lhe valeu o título invicto de 1976. Uma vitória que fez justiça ao time que ganhou todas as fases e turnos de um complicado campeonato, que marcou 71 gols e sofreu apenas sete em 29 jogos, que revelou muitos craques, que foi o melhor time mineiro do ano passado.

Para os que tinham dúvidas disso, a melhor de três foi uma lição exemplar. Ao vencer os dois jogos por 2 x 0, sempre gols de Reinaldo e Marcelo, o Atlético mostrou incontestável superioridade. O Cruzeiro tinha uma esperança: Nelinho prorrogara seu contrato e aceitara jogar, Zezé Moreira achava que o time do Galo podia se entusiasmar demais com a primeira vitória e o Cruzeiro surpreendê-lo.

Tudo aconteceu diferente. A começar pela briga de Dirceu Lopes com o técnico: afastado do time no último instante, Dirceu abandonou a concentração poucas horas antes do jogo. Os cartolas ainda tentaram encobrir a briga, disseram que Dirceu estava gripado e com febre. Os médicos não toparam a farsa, informaram que o jogador não estava doente. Nesse ambiente, a euforia pela volta de Nelinho foi prejudicada, a torcida se mostrou tímida, só aplaudiu com vontade na entrada do time em campo. Não podia ser de outra maneira: apenas nos três primeiros minutos Joãozinho conseguiu fazer a torcida acreditar em algo bom. Depois só deu Atlético.

Melhor: só deu Vantuir, Cerezo e Reinaldo. Os três comandaram o time numa exibição que fazia esquecer a razão do jogo: uma decisão de título. O Atlético jogou como há muito não faz um time de massa: no toque de bola rápido e rasteiro; com dribles curtos e desconcertantes; com incrível noção de conjunto.

O gol que Reinaldo marcou — aos 34 — foi uma prova do excelente entrosamento de todos: Marcelo desarmou Eduardo na direita e deu a Cerezo, que lançou Reinaldo no meio do campo; este, com um drible de calcanhar, livrou-se de Piazza e deu curto para Isidoro, enquanto corria para receber mais à frente; recebeu, passou por Morais, entrou na área e tocou para o gol na saída de Raul.

Aos 21, Marcelo enterrou de vez qualquer esperança do Cruzeiro, ao cobrar uma falta de Valdo em Paulo Isidoro. Raul armou a barreira para seu canto esquerdo e se postou do lado direito. A bola tomou efeito e foi morrer no ângulo esquerdo; Raul só pôde olhá-la desconsolado.

Com calma e tocando a bola, ouvindo a sonora comemoração antecipada da massa, os jogadores atleticanos esperaram o apito final para vibrar com o título que sempre esteve perto deles. Um sem-número de corajosos torcedores saltou os 2 metros do fosso para participar da festa dos jogadores. Reinaldo, boca sangrando, e Cerezo, olhos cheios de lágrimas, eram o símbolo do heroísmo e da técnica que fazem esse time cheio de garotos parecer tão maduro e se destacar.

"REINALDO, COM UM DRIBLE DE CALCANHAR, LIVROU-SE DE PIAZZA E DEU CURTO PARA ISIDORO; RECEBEU, PASSOU POR MORAIS, ENTROU NA ÁREA E TOCOU NA SAÍDA DE RAUL"

3/4/77 MINEIRÃO (BELO HORIZONTE)
CRUZEIRO 0 X 2 ATLÉTICO
J: Dulcídio Wanderley Boschillia (SP); **R:** Cr$ 2 680 230; P: 103 725; **G:** Reinaldo 34 do 1º; Marcelo 21 do 2º; **CA:** Morais; **E:** Darci Meneses
CRUZEIRO: Raul, Nelinho, Morais, Darci Meneses e Vanderlei; Piazza (Osires), Zé Carlos e Valdo; Eduardo, Ronaldo (Roberto César) e Joãozinho. **T:** Zezé Moreira
ATLÉTICO: Ortiz, Getúlio, Modesto, Vantuir e Dionísio; Toninho Cerezo, Danival (Heleno) e Paulo Isidoro (Ângelo); Marinho, Reinaldo e Marcelo. **T:** Barbatana

Toninho Cerezo e a torcida: eterna comunhão

O REI VIVIA O AUGE DE SUA CARREIRA NAQUELE ANO. No Brasileiro, ele estabeleceria um recorde de gols (28) que só seria quebrado 20 anos depois, por Edmundo

O PODER DE PROGRAMAR SEUS GOLS

Artilheiro, quase rei, quase mito. O novo Reinaldo descobre outros caminhos do gol, preocupado com a Seleção.

>> POR SÉRGIO A. CARVALHO

Alguma coisa mudou. Não foram os gols, eles continuam saindo. Fáceis. Nesta primeira fase do Campeonato Brasileiro, foram 15 em nove jogos – mais do que conseguiu a maioria dos 62 clubes. E a liderança inconteste e disparada na tábua do artilheiros. Não foi a habilidade, a visão de jogo, a categoria. Elas continuam nítidas, visíveis em cada lance, cada toque, cada deslocamento. Qualidades que o levaram à Seleção este ano.

Mas alguma coisa mudou.

De repente, aqueles que acusavam a falta de malandragem, a falta de malícia, a falta de decisão – requisitos que os mineiros aprenderam a aplaudir em Pelé, Tostão e Dario –, silenciaram. Reinaldo atingia, finalmente, a marca dos grandes craques: a consistência do talento, da vocação para o gol e o da responsabilidade, acima de tudo.

As provas eram evidentes: Reinaldo passara a treinar, a jogar sem precisar de atendimento médico, sem sair de campo numa maca, sem dar um toque a mais antes de chutar para o gol. Aos 20 anos, com os nove primeiros jogos do Atlético no campeonato, Reinaldo parece mudado.

"Sabe o que é? Eu conversei com um psicólogo, há alguns meses, e ele me estudou um pouco. Me mostrou que eu não estava usando toda a minha capacidade mental, minha força interior. Foi isso. Hoje eu enfio na cabeça que vou marcar um gol e já acordo no dia do jogo com mais disposição e vontade de jogar. O que tenho agora, e nunca tive, é fome de gols. Acho que é por causa desse negócio de ficar pensando que vou marcar, que vou marcar", afirma. "No duro mesmo, eu só estava lutando pelas vitórias, sem pensar em artilharia. Aí, comecei a me mentalizar para o gol. Aquele trabalho de autosugestão, não é? Fui em frente."

Veio o jogo com o Fast, no Mineirão. A torcida atleticana esperava uma goleada, que Reinaldo marcasse muitos gols. Ele mesmo pensou nisso, fixou-se. "Enfiei na cuca que marcaria cinco gols, isso, cinco. Só uma vez havia feito cinco gols, em Coronel Fabriciano. Dormi pensando nos cinco gols."

Reinaldo já havia feito três no jogo. Faltavam dois. "Então, marquei aquele de bicicleta. Uma pena que eu não tenha visto nenhuma fotografia dele. Uma beleza, não foi? Bem, aí eu fiz o quinto. Quando vi que faltavam 15 minutos, pensei: 'Pôxa, mentalizei cinco e vou ficar nos cinco. Senão desmoralizo minha mentalização.'"

Àquela altura, ele passou a sentir que as coisas começavam a mudar fora de campo também. A imprensa passou a cercá-lo. Ele não tirou o sorriso do rosto de menino. Mas parou de freqüentar os lugares mais movimentados onde, até então, era presença obrigatória para a caipirinha de sempre, o bom vinho.

Com a sua atual fase, Reinaldo acabou se firmando como um sério candidato à camisa 9 da Seleção. Principalmente depois que Cláudio Coutinho, após um giro pela Europa, anunciou que vai dar preferência aos jogadores técnicos.

"O time mais forte e mais bem treinado que eu já vi em minha vida foi o Torpedo, campeão da Rússia. Jogamos contra ele lá na Espanha e só tinha cara grandão, forte, correndo sem parar. Pois nós fomos tocando a bola, devagar e sempre, só no toque, e enfiamos. De nada adiantou o tamanho deles. Acho que a técnica vale bem mais", diz o jogador, que todos os dias à tarde vai à sede do Atlético fazer ginástica. Mentalizado para a camisa 9, Reinaldo já está.

REINALDO ATINGIA, FINALMENTE, A MARCA DOS GRANDES CRAQUES: A CONSISTÊNCIA DO TALENTO, DA VOCAÇÃO PARA O GOL E O DA RESPONSABILIDADE, ACIMA DE TUDO.

ALBERTO CARLOS

Na estréia do Brasileiro de 1977, contra o Remo: o primeiro gol

SEM REINALDO, MACHUCADO, MAS COM DARIO, o Atlético reconquistou a hegemonia estadual. Tão fácil que o último jogo, 0 x 0 contra o Cruzeiro, foi apenas para cumprir tabela

O GALO DE GUERRA CANTA ANTES DA HORA: É CAMPEÃO!

Raça: nos momentos difíceis, o Galo soube como dar a volta por cima. Regularidade: apenas três derrotas na campanha

>> POR SÉRGIO A. CARVALHO

Domingo que vem só vai dar Galo no Mineirão. Galo campeão. Galo de Dario, de Cerezo, de João Leite, de Isidoro. Galo, campeão mineiro de 1978. Vai ser uma festa que atleticano algum quer perder e que nenhum cruzeirense quer ver. O Galo é campeão e esse clássico de domingo próximo será uma festa simbólica, de entrega de faixas. Simbólica mesmo, pois a verdadeira festa será no dia em que Reinaldo voltar para receber a faixa que, de longe, viu seus companheiros ganharem com muita luta e categoria. Um título tão esperado por todos que, desta vez, ninguém quis comemorar por antecipação.

Desta vez, o Galo soube ganhar. O Cruzeiro, não. Todos os fatores de desequilíbrio funcionaram a favor do Atlético, deixando o rival batido, irremediavelmente ultrapassado. Desde a primeira vitória (4 x 0 sobre o Valério, a 2 de setembro de 1978) até o último triunfo de sábado passado, sobre o mesmo Valério (2 x 0), o Atlético foi o time de maiores recursos, de apelo muito mais forte, com seus endiabrados garnizés dispostos a tudo para desfazer a triste imagem das recentes e lamentadas derrotas.

Agora, ninguém fala mais com tristeza da derrota para o Cruzeiro na decisão de 77; a incrível decepção sofrida contra o São Paulo, no Brasileiro, hoje, é uma lição que os garotos do Galo parecem ter aprendido — muito mais que os cartolas:

— A gente precisa aprender a lutar em todos os campos, contra todos os adversários, em qualquer situação. Agora, estamos muito mais experientes. Cada empate do Atlético come um pedaço dentro de mim (Cerezo).

Com ingredientes tão precisos, é fácil chegar à vitória. Principalmente quando ainda se encontra, no meio do caminho, a receita certa para entusiasmar o povo: Dario. Dadá apareceu no momento em que o Atlético mais precisava de um substituto para Reinaldo. De seu exílio médico, o Rei não podia marcar os gols que o povo queria, não podia prometer as vitórias que motivam. Então, veio Dario. Talvez tenha sido o golpe fatal para o Cruzeiro. Dadá chegou prometendo gols e, em apenas metade do campeonato, marcou nove, quase alcançando o principal artilheiro — Luís Alberto, com 12 gols.

— Eu ainda vou ser artilheiro deste campeonato. O Cruzeiro que se cuide.

A ameaça foi feita logo após a partida contra o Valério, no sábado. Dario, correndo como um menino, marcou os dois gols e foi o melhor em campo. E ainda bateu um recorde exclusivo seu:

— Fiquei 15 segundos parado no ar, para cabecear e marcar o segundo gol. É o meu recorde.

Recordes à parte, Dario deu um show de como se joga para decidir. Garantiu a vitória, para, no domingo, o América consolidar a brilhante conquista do Atlético: derrotou um Cruzeiro tão vibrante que comemorou os 2 x 1 como se tivesse conquistado o título.

Mas campeão é o Galo.

"DARIO, CORRENDO COMO UM MENINO, MARCOU OS DOIS GOLS E FOI O MELHOR EM CAMPO. E AINDA BATEU UM RECORDE SEU: 'FIQUEI 15 SEGUNDOS PARADO NO AR, PARA MARCAR O SEGUNDO GOL'"

10/3/79 MINEIRÃO (BELO HORIZONTE)

ATLÉTICO 2 X 1 VALÉRIO

J: Marcus Vinícius dos Santos; **R:** Cr$ 862 862; **P:** 17 948; **G:** Dario 19 e 45 do 1º
ATLÉTICO: João Leite, Alves, Luizinho, Osmar (Silvestre) e Hílton Brúnis; Toninho Cerezo, Ângelo e Paulo Isidoro (Marcelo); Serginho, Dario e Ziza. **T:** Procópio Cardoso
VALÉRIO: Careca, Vágner, João Eudes, Eli e Toninho Braga; Casaca, Rogério e Pavão (Dirceu Batista); Edinho, Ronaldo e Faísca. **T:** Hílton Chaves

Dois lances da última rodada, Atlético 0 x 0 Cruzeiro: Mauro e Márcio disputam a bola (acima); Cerezo tenta afastar diante de Geraldo e Nélio (abaixo)

COM UM JOVEM TÉCNICO, AINDA POR CIMA ANTIGO ÍDOLO DO RIVAL (Procópio Cardoso), e, claro, com o talento de Cerezo e Reinaldo, o Galo começava sua série mais famosa de títulos

MINAS CANTA: GALOOOO!

Foi a quarta-feira mais incrível do Mineirão e o jogo mais sofrido da história do Galo. O bi só se confirmou nos dez minutos finais. Então, uma santa loucura tomou conta de todos e o mundo coloriu-se de alvinegro

» POR SÉRGIO A. CARVALHO

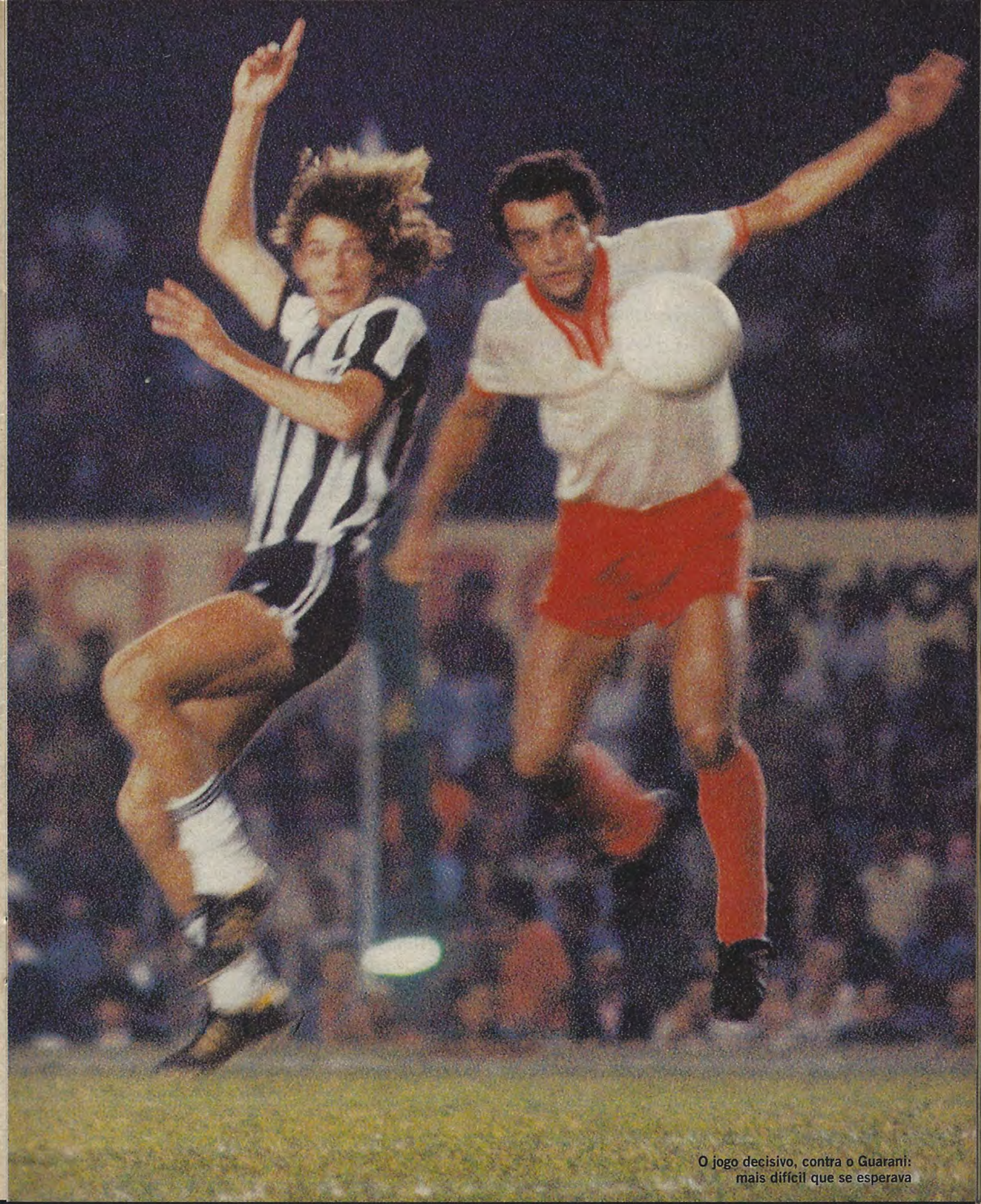
Procópio, o grande Procópio, o experiente becão e festejado líder de tantas vitórias sensacionais, não resistiu ao bicampeonato: desmaiou. "Agora sei que minha estrela é muito forte", dizia, já refeito, mas ainda emocionado. "Nunca em minha carreira me senti assim: nem dormir estou dormindo."

O técnico Procópio surgiu em 1978, quando Zé Duarte sofreu um acidente e ele o substituiu na direção do time do Cruzeiro, o qual levaria à conquista do segundo turno. Quinze dias depois, o Atlético o contratava e, com o mesmo time que Jorge Vieira achava impossível vencer, ganhava o título mineiro, em abril passado. Em agosto, de novo em cima do Cruzeiro, faturava a Taça Minas Gerais. Quarta-feira passada, viveria a maior emoção no Galo, com a vitória sobre o Guarani. Foram três títulos em 11 meses, a consagração que chegou mais depressa do que ele esperava e — quem diria! — um desmaio.

Quando Reinaldo vestiu a camisa 9 e passou a comandar o ataque do Galo todos viram que o título já havia escolhido o ninho. Ele poderia ter entrado contra o Cruzeiro, na decisão da Taça Minas Gerais. "Seria muito arriscado, colocaria em perigo a vitória de meus companheiros", diz Reinaldo. Voltou no momento certo, quando ninguém exigia nada dele. Um a um os adversário foram caindo diante de seu talento: em seis jogos, marcou seis gols e deu passes para mais quatro. "Reinaldo desequilibra mesmo, com ele é difícil ganhar do Galo", reconhece Nelinho. Reinaldo deu ao time a confiança e a segurança para recuperar a diferença de três pontos que o separava do Cruzeiro e ultrapassá-lo. "A vitória decisiva estava naqueles 3 x 0. O Cruzeiro não esperava." E Reinaldo nem jogou contra o Guarani, por causa de um cartão amarelo. "Na volta olímpica, fico na arquibancada."

Procópio achava que não ia dar. Faltavam jogadores para continuar a bela campanha do primeiro turno. O contrato de Toninho Cerezo havia terminado e, sem ele, seria difícil. Foi. O Galo passou maus momentos e o Cruzeiro aproveitou: faturou o segundo turno. Aí, falou o coração atleticano de Cerezo: "Não posso deixar meus companheiros sozinhos nessa hora." Não deu outra: Cerezo levou o Galo à vitória sobre o Cruzeiro e à conquista da Taça Minas Gerais. Depois, com Reinaldo, ficou mais fácil: "É só enfiar a bola e ir festejar com a torcida." Cerezo garantia o Galo e pensava na Seleção. Foi expulso injustamente contra o Uberlândia, não enfrentou o Cruzeiro. Ele fez falta no jogo que podia dar o título ao Galo por antecipação. E jogou sem Reinaldo contra o Guarani. "Que sofrimento. Nunca em minha vida me senti tão sufocado. Num momento pensei até que não chegaríamos lá."

"'REINALDO DESEQUILIBRA MESMO, COM ELE É DIFÍCIL GANHAR DO GALO', RECONHECE NELINHO"

12/9/79 MINEIRÃO (BELO HORIZONTE)
ATLÉTICO 3 X 1 GUARANI
J: Édson Alcântara do Amorim; **R:** Cr$ 2 423 540; **P:** 48 185; **G:** Cafuringa, 15 do 1º; Paulo Isidoro 31 e 36 e Serginho 43 do 2º
ATLÉTICO: João Leite, Alves, Osmar, Luizinho e Silvestre; Toninho Cerezo, Geraldo (Heleno) e Serginho; Ricardo (Adriano), Paulo Isidoro e Rômulo.
T: Procópio Cardoso
GUARANI: Hermes, Chocolate (Rubinho), Araújo, Miltinho e Coca; Lucinho, Carlos Roberto e Cecílio (Moarez), Felpa, Fernando Roberto e Cafuringa

O jogo decisivo, contra o Guarani: mais difícil que se esperava

A VITÓRIA SOBRE O AMÉRICA GARANTIU O TRICAMPEONATO MINEIRO (que o Galo não alcançava desde 1953) com duas rodadas de antecipação. Na última partida, o Atlético ainda faria 2 x 0 no Cruzeiro

O GALO INFERNAL

Toninho Cerezo, machucado, fez questão de jogar contra o América. Enquanto o Cruzeiro empatava em Uberaba, Cerezo comandava a vitória (5 x 1) que assegurava o tri

>> POR SÉRGIO A. CARVALHO

Mais para não perder uma festa que não acontecia desde 1953, menos por sua crônica contusão no joelho, Toninho Cerezo nem admitia a possibilidade de não jogar contra o América.

Valeu. Ao entrar em campo debaixo de chuva, um coro de 45 mil vozes celebrou sua presença. É certo que seus primeiros chutes, horríveis, levaram alguma apreensão à massa. Mas outros chutes viriam.

No fundo, todos esperavam o título antecipado. No fundo, também, todos estavam preocupados com Cerezo machucado. Uma impressão que se transformou em angustiante certeza quando, aos 16, Eli Mendes cruzou para marcar 1 x 0 para o América. Ele, Eli, que ganharia o próprio passe, gordo presente de Natal, caso abatesse o Galo, promessa dos dirigentes do Cruzeiro, que o emprestaram ao América. Os demais jogadores do América receberiam do Cruzeiro 30 mil cruzeiros de bicho extra.

Acontece que, preocupado em se defender, o América se abriu à pressão atleticana. E, numa falha da defesa, a bola sobrou limpa para Palhinha empatar. Ajoelhado na lateral, Palhinha foi logo sufocado pelos abraços dos companheiros. Menos Cerezo, que ficou do outro lado do gramado, tomando fôlego para se recuperar. Uma semana sem treinar, joelho abalado, ele só queria forças para continuar em campo. Resmungava:

— Não sei se dói, mas quero agüentar até o final.

No intervalo, energias parcialmente recuperadas, garantiu que não terminaria o jogo sem vitória. E, aos 17, tabelou com Reinaldo desde o meio do campo, culminando a jogada com um sutil toque que deslocou Hélio. O ponta Éder, na corrida, desempatou. Cerezo deu a volta no gramado e caiu, estatelado, junto à bandeira de escanteio. Ficou dois bons minutos recuperando o fôlego.

Mas não parou aí. Aos 22, desarmou um ataque do América na direita e serviu Pedrinho. Recebeu, deslocou a defensiva inimiga, permitiu uma tabela Éder-Reinaldo. Placar: 3 x 1. Esgotado, Cerezo não se rendia; queria prosseguir. Lá em Uberaba, o Cruzeiro empatava, resultado que dava o tricampeonato ao Atlético, duas rodadas antes.

Então, Procópio tirou Cerezo, colocando Renato. Quase sem forças, o camisa 5 foi à lateral e saudou a massa que gritava seu nome. Saiu de campo com os braços erguidos, andando, sem sequer falar aos repórteres que o requisitavam.

O exemplo de Toninho Cerezo representa exatamente o valor que o Galo deu ao campeonato, que muitos acharão fácil de ser conquistado. Não fosse a seriedade dos jogadores e do técnico Procópio, talvez a festa que a torcida tributou a Cerezo fosse adiada, pelo menos até o próximo domingo. Essa seriedade foi tão importante que, mesmo Cerezo ausente, o Atlético teve talento de sobra para massacrar o adversário. Mais dois gols: Heleno, 33 minutos; Renato, 43 minutos.

No vestiário, saco de gelo pousado sobre o joelho direito, Cerezo ouvia o canto alegre da torcida. E antecipava a vitória que, garante, servirá para abrilhantar a festa do tri:

— Hoje nós demos uma esporada violenta, não foi? Que garra! Que jogo! Que massa! Domingo que vem, então... Ganhamos essa parada na categoria e eu tive de pedir ajuda a Deus para não sair de campo no começo da partida. O Cruzeiro que se cuide, pois a espora do Galo está afiada...

Cerezo retirou o saco de gelo do joelho, pulou da maca e, mancando, saiu do Mineirão, para comemorar o tri com a torcida. Um tri que o Galo ganhou, pela última vez, antes de Toninho Cerezo nascer.

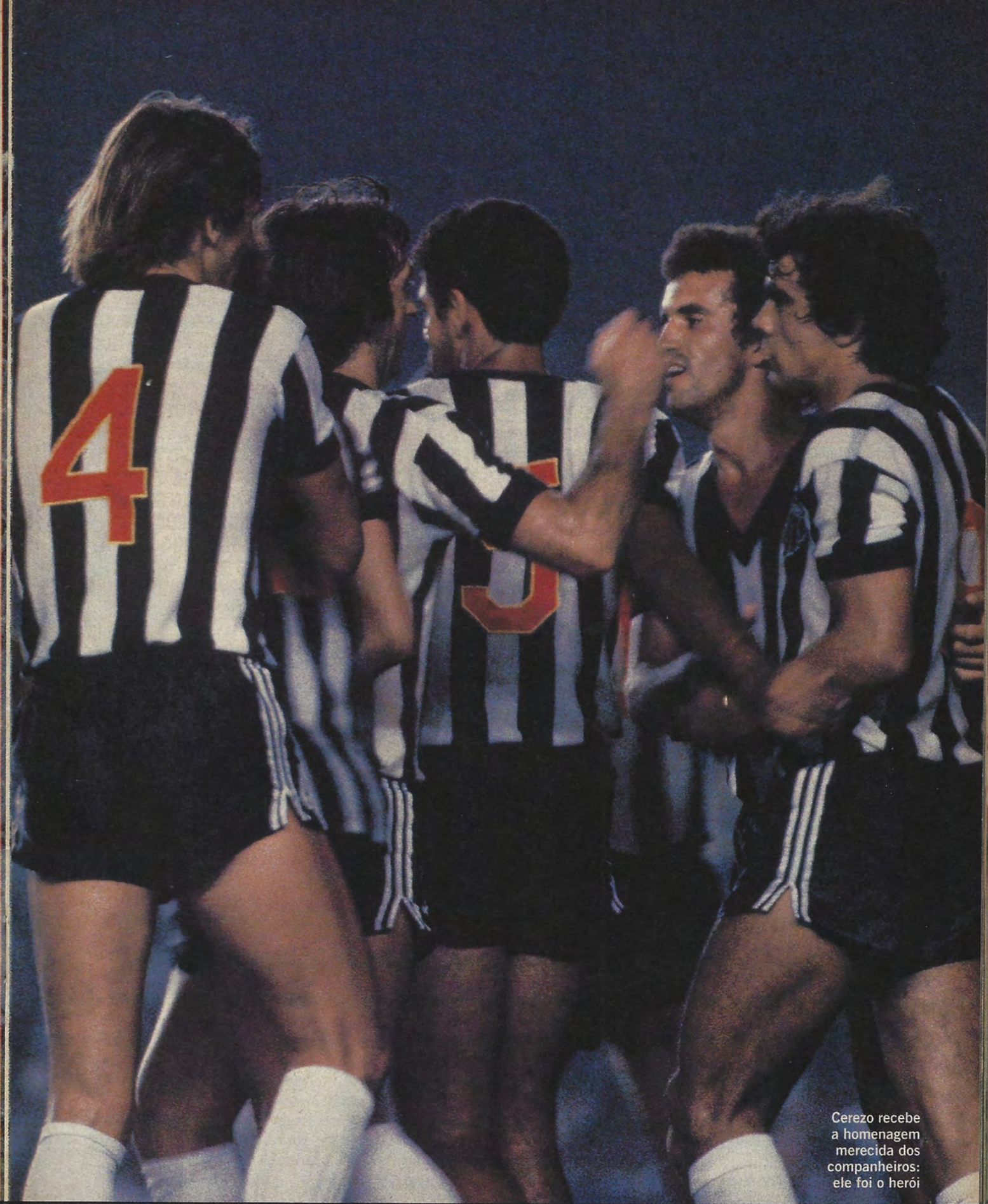
"ELI MENDES GANHARIA O PRÓPRIO PASSE CASO ABATESSE O GALO, PROMESSA DOS DIRIGENTES DO CRUZEIRO, QUE O EMPRESTARAM AO AMÉRICA. OS DEMAIS JOGADORES RECEBERIAM, DO MESMO CRUZEIRO, 30 MIL CRUZEIROS DE BICHO EXTRA"

23/11/80 MINEIRÃO (B. HORIZONTE)

ATLÉTICO 5 X 1 AMÉRICA

J: Alvimar Gaspar dos Reis; **R:** Cr$ 4 748 260; **P:** 42 718; **G:** Eli Mendes 15 e Palhinha 38 do 1º; Éder 17 e 23, Heleno 33 e Renato 43 do 2º; **E:** Éder

ATLÉTICO: João Leite, Alves, Osmar, Luisinho e Jorge Valença; Heleno, Toninho Cerezo (Renato) e Palhinha; Pedrinho, Reinaldo (Fernando Roberto) e Éder.
T: Procópio Cardoso

AMÉRICA: Hélio, Celso Augusto, Eraldo, Luís Carlos Hippie e Zé Carlos; Cláudio Barbosa (Reginato), Lúcio (Luís Carlos Gaúcho) e Mateus; Eli Mendes, Vágner e Macedo. **T:** Luís Alberto

Cerezo recebe a homenagem merecida dos companheiros: ele foi o herói

O ATLÉTICO DECIDIA num jogo extra contra o Flamengo uma vaga na segunda fase da Libertadores. Aí José Roberto Wright resolveu estragar a festa

SUA SENHORIA, O VEXAME

José Roberto Wright estragou a boa decisão

» PELA EQUIPE PLACAR

Que idéias terão transtornado a cabeça habitualmente judiciosa de José Roberto Wright naqueles 37 minutos inesquecíveis do Serra Dourada, só o seu analista poderá um dia revelar. Mas o essencial, nestes dias em que o país inteiro se esforça para decifrá-lo, se resume na velha máxima de que bom juiz é aquele que não aparece em campo.

Mais do que buscar a anulação do jogo, que é seu direito, os dirigentes mineiros não se conformam com o que chamam de "máfia carioca", a seu ver responsável por tudo o que aconteceu. E, nessa *razzia*, incluem até mesmo a CBF, pelo prosaico fato de estar sediada no Rio.

Enfim, uma documentação farta, enriquecida com o teipe gravado do jogo, já está em Lima, sede da Confederação Sul-Americana de Futebol, foro soberano para ajuizar a questão. O advogado Valed Perry, especialista em pendengas do tipo, baseia seu arrazoado em dois pontos principais, a saber:

1 - O juiz encerrou a partida para, momentos depois, reiniciá-la fora do prazo regulamentar;

2 - Permitiu que o Atlético recomeçasse o jogo com dois atletas expulsos — Fernando Roberto e Marcus Vinicius, integrantes do banco de reservas, que levara um cartão vermelho coletivo.

O delegado da Confederação Sul-Americana, Áulio Nazareno, também presidente da Cobraf (Comissão Brasileira de Arbitragens), homem que resgatou Wright dos vestiários do Serra Dourada, transportando-o para Brasília a fim de garantir-lhe a segurança, não crê em anulação. Explica:

— O José Roberto deu o jogo por encerrado porque faltou número legal de jogadores. Na súmula, não declara que o Flamengo foi o vencedor, simplesmente relata o que houve. Ele agiu com a maior honestidade.

O presidente Elias Kalil, tomado de santa fúria, resolveu apelar até para o presidente Figueiredo, cobrando uma atitude "contra essa bandalheira que toma conta do futebol brasileiro". Ao recepcionar os jogadores, na madrugada de sábado, a torcida, insuflada pelo clima de guerra, investiu contra os repórteres e cinegrafistas da Rede Globo, responsabilizando-os pelos acontecimentos. Quem viu a transmissão pela Globo — e aí se incluem os mineiros — há de concordar que seus comentaristas se insurgiram contra os atos de José Roberto Wright. Além disso, e mais importante, foi a Globo quem levou ao ar a insuspeita palavra do técnico Telê Santana, da Seleção Brasileira, especialmente no gesto que detonou a catástrofe, a expulsão de Reinaldo.

— Uma falta que a gente está acostumado a ver no futebol brasileiro — proclamava Telê, severo nas suas análises sobre a violência no futebol.

Raul, entre outros, endossa a tese de Telê: Reinaldo fez uma falta normal em Zico. O presidente Giulite Coutinho, da CBF, admitiu para PLACAR: "Não tenho elementos para um julgamento correto. Mas percebi que o juiz estava muito nervoso."

A sexta-feira do Serra Dourada, por tudo isso, ficará marcada na história do futebol. João Saldanha, na sua coluna do *Jornal do Brasil*, saudava a decisão como um acontecimento auspicioso, nestes tempos de mau futebol. O Serra Dourada, como se viu, lotou com 70 mil torcedores e muitos milhares ficaram de fora. O Flamengo, que soube se manter à margem das arbitrárias decisões do juiz, não tem nada a ver com o vexame.

Quanto a José Roberto Wright, é bom lembrar, nestes dias em que o país inteiro se esforça para decifrá-lo: bom juiz é aquele que não aparece em campo.

"O PRESIDENTE ELIAS KALIL, TOMADO DE SANTA FÚRIA, RESOLVEU APELAR ATÉ PARA O PRESIDENTE FIGUEIREDO, COBRANDO UMA ATITUDE 'CONTRA ESSA BANDALHEIRA QUE TOMA CONTA DO FUTEBOL BRASILEIRO'"

21/8/81 SERRA DOURADA (GOIÂNIA)
FLAMENGO 0 X 0 ATLÉTICO
J: José Roberto Wright; **R:** Cr$ 13 503 150; **P:** 71 157; **E:** Reinaldo, Palhinha, Éder, Chicão e Osmar
FLAMENGO: Raul, Carlos Alberto, Figueiredo, Mozer e Júnior; Leandro, Adílio e Zico; Tita, Nunes e Baroninho. **T:** Paulo César Carpegiani
ATLÉTICO: João Leite, Orlando, Osmar, Alexandre (Marcus Vinícius) e Jorge Valença; Chicão, Toninho Cerezo e Palhinha; Vaguinho (Fernando Roberto), Reinaldo e Éder. **T:** Carlos Alberto Silva

O bandeirinha Romualdo tenta acalmar os ânimos: enquanto isso, Wright...

ERA UMA ÉPOCA EM QUE O GALO ERA BASE DA SELEÇÃO BRASILEIRA, com Luisinho, Cerezo, Reinaldo e Éder. O título mineiro era apenas uma rotina

O GALO CANTOU PELA QUARTA VEZ

Com os 2 x 0 no Uberaba, a festa explodiu nas ruas e fez nascer o sonho do penta

>> POR SÉRGIO AUGUSTO CARVALHO

A melhor explicação para o tetracampeonato que o Atlético conquistou na alegre noite de quarta-feira passada, quando venceu o Uberaba por 2 x 0 no Mineirão, já fora dada semanas antes na Toca da Raposa — o reduto dos inimigos cruzeirenses.

"O Galo é mais time." A constatação do lateral Nelinho, apoiada por alguns companheiros de equipe, é justa e correta: quem tem Luizinho, Toninho Cerezo, Éder e Reinaldo — para se falar apenas nas quatro estrelas de primeira grandeza — não poderia mesmo perder um campeonato em que teve apenas um adversário, o próprio Cruzeiro. Mas o Cruzeiro foi exatamente até onde era possível. Assim, a história não poderia ter outro fim: Atlético tetracampeão mineiro.

"Sem dúvida, o Atlético tem mais time", concordava Reinaldo no vestiário, eufórico com a vitória que, meia hora antes , ajudara a construir com um gol. "Temos maior número de craques e jogamos juntos há mais tempo, enquanto o Cruzeiro ainda é um time instável."

Com isso, o clássico de domingo passado entre os velhos rivais acabou se transformando num simples amistoso. A explosão se iniciou na própria quarta, quanto Toninho Cerezo, que marcou o outro gol contra o Uberaba, deu duas voltas olímpicas no gramado — uma sozinho, fazendo sinais com os braços para que a platéia de 47 mil pessoas se levantasse para cantar e dançar, e outra com o resto da equipe. Logo depois, quando lhe perguntaram se não tinha medo de perder o último jogo, ele foi o atleticano de sempre: "Não me falem do Cruzeiro nessa hora..." Tomou um pouco de fôlego e gritou bem alto: "Eu sou te-traaaa!"

Era um sonho que se realizava, pois o Atlético conquistava um título que alcançara apenas uma vez em sua história, em 1955, ano em que Cerezo nasceu. Mas, para os jogadores, isso é pouco: "Depois do tetra vem sempre o penta", lembrava Reinaldo.

Na verdade, imaginava-se que tudo só seria resolvido no domingo, com uma possível nova renda recorde em Belo Horizonte. Quer dizer: houve até quem acreditasse que o Atlético perderia para o Uberaba. Essa impressão cresceu logo que, aos 8 minutos de jogo, Éder desperdiçou um pênalti, ele que é considerado infalível nessas cobranças. Mas a suspeita se desfez nove minutos mais tarde, no momento em que Cerezo completou de cabeça um cruzamento de Reinaldo. E a festa foi sacramentada aos 21 do segundo tempo pelo Reinaldo dos velhos tempos: Atlético 2 x 0 Uberaba.

Ninguém esperou o domingo para comemorar. Os tetracampeões juntaram-se aos amigos e parentes para secar três barris de chope num bar perto da concentração da Vila Olímpica. Longe dali, no centro da cidade, o presidente Elias Kalil fechou uma churrascaria e abriu três dúzias de bom uísque para conselheiros e companheiros de diretoria.

Entre as duas celebrações, a dos jogadores e a dos cartolas, uma irritante e fria chuva tirava os torcedores das ruas, às quais no entanto voltariam nos dias seguintes, com seus galos vermelhos e suas bandeiras alvinegras. Silenciosos, os cruzeirenses tinham que se conformar com o reconhecimento de Nelinho. Afinal, o Alético não é tetra por acaso.

"O ATLÉTICO SÓ ALCANÇARA O TETRA UMA VEZ EM SUA HISTÓRIA, EM 1955. MAS, PARA OS JOGADORES, ISSO É POUCO: 'DEPOIS DO TETRA VEM SEMPRE O PENTA', LEMBRAVA REINALDO"

25/11/81 MINEIRÃO (B. HORIZONTE)
ATLÉTICO 2 x O UBERABA
J: Alvimar Gaspar dos Reis; **R:** Cr$ 12 479 720; **P:** 46 165; **G:** Cerezo 17 do 1º e Reinaldo 20 do 2º
ATLÉTICO: João Leite, Orlando, Osmar, Luizinho e Jorge Valença; Geraldo, Toninho Cerezo e Renato (Zé Roberto); Tita (Vaguinho), Reinaldo e Éder.
T: Carlos Alberto Silva
UBERABA: Édson Luís, Celso Roberto, Alexandre Pimenta (Édson Lobão), Tim e Carmelito; Celso Sá, Toinzinho e Paulo Luciano; Hílton, Cabeça e Robertinho (Netinho). **T:** Domingos Barôni

Osmar (sem camisa) e os atleticanos em festa: a série de títulos não tinha ano para acabar

O CRUZEIRO LUTOU até o fim pelo título que há cinco anos teimava em ficar com seu maior adversário. No Mineirão encharcado, saiu na frente — mas deu Atlético outra vez

GALO CANTA NA CHUVA

Na final, 2 x 1 no Cruzeiro e o título: pentacampeão!

>> POR SÉRGIO A. CARVALHO

As finais são, quase sempre, para os grandes craques. Eles é que, nas decisões, mantêm os nervos firmes – e decidem. Mas o Atlético, que esperava por Éder, Cerezo ou Reinaldo, teve no garoto Catatau seu grande herói de domingo: ágil, foi ele quem surgiu pela direita e destruiu o esquema defensivo do Cruzeiro, dando ao Galo o sonhado pentacampeonato mineiro.

Ingênuo e simples, Catatau nem conseguia explicar direito como jogara, como apavorara seu marcador Luís Cosme, o melhor homem da defesa adversária. Humilde, agradecia ao time: "Meus companheiros me deram muita força. O Nelinho conversou bastante comigo, e eu joguei descontraído." Calmo, sempre bem colocado, veloz, Catatau deu ao Atlético o que lhe faltou durante quase todo o campeonato: um verdadeiro ponta-direita, que buscasse a linha de fundo e cruzasse com precisão. Domingo, além do gol que marcou e foi – erradamente – anulado, Catatau construiu a vitória do Atlético com suas jogadas individuais, única saída que restava a um time que começou perdendo de 1 x 0 num gramado encharcado.

"Sempre achei que podíamos ganhar", analisava Nelinho. "Mesmo quando perdíamos de 1 x 0, porque o meio-campo deles não estava marcando bem. Se não chovesse, seria uma goleada." Mas, se prejudicou o jogo, a chuva não conseguiu impedir a festa. Na saída do Mineirão, cercado por torcedores molhados, Cerezo sorria: "Foi o título mais disputado que já ganhamos".

Fora do time durante dez partidas, por culpa de uma costela fraturada, Cerezo voltou num momento vital; quinta-feira passada, contra o Villa Nova, quando abriu o caminho para a vitória de 2 x 0 com um gol de categoria. E, com sua volta, pela primeira vez na fase final o Atlético pôde contar com todos os seus titulares.

"Se tivéssemos usado nosso time completo do começo ao fim do campeonato teríamos sido campeões por antecipação", garantia Nelinho, que ao longo da campanha foi a maior figura alvinegra. Nos vestiários, os companheiros não se esqueciam de elogiá-lo. Éder, por exemplo; "Nelinho é demais. Joga contra o Cruzeiro com a mesma garra com que enfrenta o Tupi no Mineirão. Isso anima a gente."

Lacerda, o preparador físico promovido a técnico a seis rodadas da final, acrescentava: "Foi Nelinho quem deu equilíbrio à equipe nos piores momentos – como hoje, quando perdíamos por 1 x 0. Ele manteve a calma de todos, e o próprio Catatau deve muito de sua atuação ao Nelinho." Depois, quando o Atlético vencia e os jogadores do Cruzeiro, desesperados, tornaram o jogo violento, foi Nelinho quem garantiu a calma: "Deixa pra lá, gente... no ano que vem teremos forra."

Em campo, o Galo dava as ordens. Luisinho, perfeito, parecia jogar em um gramado seco e limpo: Tostão e Eudes não levaram vantagem com ele, e até as falhas de Osmar foram camufladas. "Nosso trabalho foi facilitado pelo esforço do Heleno na cabeça da área", explicava Luisinho – que, assim, fazia justiça ao jogador que mais se sacrificou em benefício do time este ano.

Jogando plantado ou deslocando-se para abrir caminho para os companheiros, Heleno recebeu críticas contraditórias, sem no entanto se abalar. "Eu não ligo para isso", dizia. "Interessa é que o time jogue bem, e se isso depender do meu sacrifício, no ano que vem estou pronto para ser criticado de novo e ganhar o hexa." Para Lacerda, a eficiência de Heleno foi total: "Ele é um Piazza no Atlético, é quem dá condições aos companheiros de tomarem a bola. E ainda lança bem."

"EM CAMPO, O GALO DAVA AS ORDENS. LUISINHO, PERFEITO, PARECIA JOGAR EM UM GRAMADO SECO E LIMPO: TOSTÃO E EUDES NÃO LEVARAM VANTAGEM COM ELE, E ATÉ AS FALHAS DE OSMAR FORAM CAMUFLADAS"

5/12/82 MINEIRÃO (BELO HORIZONTE)

CRUZEIRO 1 X 2 ATLÉTICO

J: Aldenir Vieira Matos; **R:** Cr$ 49 243 800; **P:** 108 935; G: Tostão 23 e Renato 45 do 1º; Reinaldo 1 do 2º; **E:** Chiquinho e Celso Roberto

CRUZEIRO: Gomes, Chiquinho, Zezinho Figueroa, Osires e Luís Cosme; Douglas, Eudes e Tostão; Carlinhos, Mauro e Edu (Ricardo, depois Celso Roberto). **T:** Iustrich

ATLÉTICO: João Leite, Nelinho, Osmar, Luizinho e Jorge Valença; Heleno, Toninho Cerezo e Renato (Renato Sá); Catatau (Miranda), Reinaldo e Éder. **T:** Lacerda

Heleno, o mais elogiado da decisão, encara Tostão (acima). João Leite afasta o perigo (abaixo)

O SEXTO TÍTULO SEGUIDO veio com uma rodada de antecipação no octogonal final. No jogo das faixas, o Cruzeiro venceu por 4 x 1 e houve pancadaria. Mas quem se lembraria disso em meio à festa?

HEXA!

Pela facilidade com que o time conquistou seu sexto título consecutivo, a torcida não tem dúvidas: o Galo vai ao hepta em 1984 e, depois, muito mais longe. "Seremos campeões mundiais", promete seu presidente

>> POR SÉRGIO A. CARVALHO

Eram 30 mil empolgados atleticanos vestidos de branco e preto. Eles foram ao Mineirão presenciar um acontecimento inédito, emocionante: ver seu clube conquistar o hexacampeonato mineiro. Afinal, todos já sabiam que o modesto Nacional, de Uberaba, seria impotente para impedir a festa.

E não deu outra. O Atlético venceu por 3 x 0, na noite de quarta-feira passada, mas poderia ter enfiado cinco, seis gols. O time foi tão brilhante e eficiente como durante todo o campeonato — quando quis ser. "Ele tem a incrível capacidade de disparar na frente quando os inimigos encostam atrás", resumiu o comentarista Tancredo Naves, dando uma exata dimensão do poder atleticano.

Levantado a duas rodadas do final, o título, desde o início de temporada, já dava a impressão de ter dono: o próprio Galo. E a previsão não falhou. Ganhou o primeiro turno da fase de classificação — o Troféu Governador do Estado —, com três pontos à frente de Cruzeiro e América. Sem cinco titulares, perdeu o segundo turno — a Taça Minas Gerais — para o Cruzeiro, numa negra (0 x 1). Em seguida, na decisão do ponto extra para o octogonal final, bateu o Cruzeiro categoricamente: 2 x 0 e 4 x 0. Como não imaginar, então, que o hexa seria não mais do que uma questão de tempo?

Alguns, é verdade, preferiam adiar a explosão. "Vim a todos os jogos e queria que o Galo deixasse para ser campeão domingo, ferrando o Cruzeiro", reclamou, por exemplo, o chefe da Torcida Jovem, José Eduardo, agitando uma enorme bandeira preta e branca com listras verdes e amarelas. Claro, contra o velho rival seria mais gostoso — mas, se isso não aconteceu, a culpa foi do Cruzeiro, não do Atlético.

Fora do estádio — a PM impediu os festejos dentro do Mineirão — milhares de atleticanos ensaiaram o carnaval, repetindo as comemorações dos últimos cinco anos.

Desta vez, porém, o entusiasmo foi um pouco menor. "A torcida tinha certeza deste título há bastante tempo", justificou Reinaldo, maior artilheiro do hexa, com 46 gols em cinco campanhas (não participou em 1978, quando foi operado do joelho esquerdo). Ainda assim, mais emocionado do que Luizinho e João Leite, os únicos que ganharam os seis títulos, Reinaldo explicava sua euforia: "Estou feliz porque fiz dois gols hoje, sou atleticano doente e batemos um recorde que eles (*o Cruzeiro*) terão que gastar sete anos para superar." Depois, Reinaldo abraçou Heleno, o melhor jogador do campeonato, que saíra no intervalo por causa de uma atordoante pancada na cabeça. "Eu nem bebi ainda e já estou tonto", brincou Heleno, em meio a tantos cumprimentos.

Para chegar ao tão sonhado hexa, o Atlético disputou 199 partidas — sem contar a última, contra o Cruzeiro, domingo — e ganhou nada menos do que 133. A campanha mais fácil foi a de 1980, quando o empresário Elias Kalil, hoje com 51 anos, assumiu a presidência do clube, disposto a formar um supertime e com planos muito ambiciosos. "Agora que atingimos o hexa, vamos ao Mundial", desabafou Kalil no vestiário, após abraçar cada um dos jogadores, encharcando sua camisa de seda com o suor dos hexacampeões.

"E não tivemos momentos difíceis", reconhece o técnico Mussula, 45 anos, que sempre mandou sua equipe atacar. Com essa receita simples, o Galo chegou ao hexa. E, se continuar assim, irá ao hepta — e até muito mais longe.

"PARA CHEGAR AO TÃO SONHADO HEXA, O ATLÉTICO DISPUTOU 199 PARTIDAS – SEM CONTAR A ÚLTIMA, CONTRA O CRUZEIRO, DOMINGO – E GANHOU NADA MENOS DO QUE 133"

7/12/83 MINEIRÃO (BELO HORIZONTE)
ATLÉTICO 3 X 0 NACIONAL
J: Alvimar Gaspar dos Reis; **R:** Cr$ 24 962 500; **P:** 26 079; **G:** Reinaldo 6 e Catatau 9 do 1º; Reinaldo 31 do 2º
ATLÉTICO: João Leite, Nelinho, Olivera, Luizinho e Miranda; Toninho Oliveira, Heleno (Renato) e Marcus Vinícius; Catatau, Reinaldo e Éder (Paulinho). **T:** Mussula
NACIONAL: Eudes, Figueroa, Baía, Shell e Dema; Paulo Rodrigues, Tepa e Enéias; Sabará (Baco), Zé Henrique (Riva) e Itamar. **T:** Da Silva

Três adversários para parar Éder: nem assim o Atlético perderia a taça

FOI UMA DAS DECISÕES MAIS EXTENUANTES DE TODOS OS TEMPOS — os dois primeiros jogos terminaram empatados e no segundo as duas torcidas gritaram "marmelada"

GALO, SIM SENHOR!

Foram três jogos e uma prorrogação. No fim, com a velha garra, o Atlético mostrou sua força e fez1 X 0 para ser campeão

>> POR MÁRCIO FAGUNDES DE OLIVEIRA

Por oito dias, Atlético e Cruzeiro travaram um gigantesco duelo de 300 minutos de futebol — três jogos e uma prorrogação. Rigo-rosamente empatados, quase até o fim de um combate (0 x 0; 2 x 2; 0 x 0) que no domingo passado mantinha em eletrizante suspense a platéia de 83 mil espectadores, que proporcionou renda recorde no Mineirão de 1 109 340 000 cruzeiros, brilhou então mais forte a garra do Atlético.

Receoso com as condições físicas do elenco, o técnico Oliveira escalou o time com dois cabeças-de-área: Elzo e Heleno. Como conseqüência, o time atleticano se resguardou no primeiro tempo, tentando algumas jogadas de contra-ataque através da velocidade de seus pontas Edivaldo e Sérgio Araújo. Debaixo de uma chuva fina, o jogo continuou duro no segundo tempo, só que com uma alteração no Atlético. O meio-campo Heleno não suportou correr mais que 45 minutos, por causa da gripe, e foi substituído por Vito Capucho. Como num passe de mágica, o Atlético criou novo ânimo dentro de campo.

Seu domínio no meio-campo com Capucho e Paulo Isidoro era total. Mas a equipe atleticana não conseguia traduzir em gols o maior volume de jogo, e os 90 minutos terminaram em 0 x 0.

O juiz Arnaldo César Coelho — com um show de arbitragem — deixou as duas equipes descansarem por cinco minutos. Enquanto do lado do Cruzeiro os jogadores tomavam água e chupavam laranjas, a preocupação era grande com o estado físico dos jogadores do Atlético. Paulinho, estafado pela gripe, correu para a entrada do vestiário fugindo da chuva. Elzo, que abrira o supercílio numa bola disputada pelo alto com Douglas, sentiu-se fraco e com princípio de tonteira. O massagista Gregório teve de se desdobrar para relaxar um pouco os jogadores, já então deitados no gramado encharcado do Mineirão.

Com um corte profundo no supercílio direito, o volante Elzo recebeu uma bandagem grossa em volta de toda a cabeça, como se fosse um capacete. "O homem é uma fera. Na hora em que todos acham que ele apagou, ele volta", comentou João Leite nesse pequeno intervalo. Foi justamente essa disposição de luta de Elzo que começou a decidir o jogo. Mesmo com a camisa suja de barro e sangue, o jogador — com sua raça — encheu de brio seus companheiros. Foi um golpe no lento e desajustado Cruzeiro, que contava nas mãos os minutos que faltavam para a disputa de pênaltis.

A torcida do Cruzeiro parece que já previa a tragédia, pois silenciara desde os primeiros minutos do segundo tempo. Sua equipe jogava um futebol medíocre e tentava apenas agüentar o empate. Quem acabou com o sonho celeste — como um trovão que despencasse do céu chuvoso de Belo Horizonte — foi o atacante Paulinho. Logo aos 2 minutos da segunda etapa da prorrogação, Nelinho cobrou uma falta pela direita — sofrida por Sérgio Araújo — para dentro da área e Paulinho pegou com um chute forte de esquerda a rebatida da defesa do Cruzeiro.

No vestiário atleticano, o meio-campo Paulo Isidoro entrou gritando: "Quem disse que estamos velhos?" Depois, deitado na banheira junto a Luizinho, a princípio não concordou com o pedido do supervisor Cento e Nove para colocar novamente o uniforme e dar a volta olímpica. Foi Luizinho que o convenceu: "Vamos lá. A torcida merece. "O argumento surtiu efeito. O meio-campo Vito Capucho entrou e foi direto a seu armário e abriu a Bíblia. "Agradeci a Deus", explicou. Ele, como João Leite e o zagueiro Batista, são membros dos Atletas de Cristo.

"A TORCIDA DO CRUZEIRO PARECE QUE JÁ PREVIA A TRAGÉDIA, POIS SILENCIARA DESDE OS PRIMEIROS MINUTOS DO SEGUNDO TEMPO. SUA EQUIPE JOGAVA UM FUTEBOL MEDÍOCRE E TENTAVA APENAS AGÜENTAR O EMPATE"

15/12/85 MINEIRÃO (B. HORIZONTE)

ATLÉTICO 1 X 0 CRUZEIRO

J: Arnaldo César Coelho; **R:** CR$ 1 109 340 000; **P:** 83 177; **G:** Paulinho 2 do 2º tempo da prorrogação

ATLÉTICO: João Leite, Nelinho, Batista, João Pedro e Luizinho; Elzo, Heleno (Vito Capucho) e Paulo Isidoro; Sérgio Araújo, Paulinho e Edivaldo. **T:** Walter Oliveira

CRUZEIRO: Luís Antônio, Nenê, Eugênio, Aílton e Ademar; Douglas, Orlando e Tostão (Quirino); Carlinhos, Mirandinha e Róbson (Edu Lima). **T:** Morais

AMANCIO CHIODI

Elzo sobe com Luís Antônio, Luisinho assiste: decisão tensa

FOI IMPOSSÍVEL segurar o Galo e sua campanha arrasadora. Com três gols na partida que valeu o título, Nunes se consagrou como ídolo

A FESTA DO GALO

Sem dar chance a ninguém, o Atlético conquista o bi por antecipação e consagra seu novo ídolo: Nunes, o Matador

>> POR ZINHO SIQUEIRA

A cena era inédita no Mineirão: aos 9 minutos de jogo, o centroavante Nunes disparou na direção das cadeiras numeradas, lado oposto ao de sua torcida, para comemorar o primeiro de seus três gols contra o Esportivo, de Passos, na goleada por 6 x 0, domingo passado. E o gesto não foi diferente apenas porque o Atlético conquistava o bi mineiro por antecipação de uma rodada, transformando-se no primeiro campeão regional do Brasil neste ano de Copa.

Nunes, na verdade, tinha ainda outras razões. Os acenos que ele fez ao festejar o gol eram para sua mulher, Soraia Cristina, grávida de dois meses, e sua filha Lívia, de 4 anos. Afinal, elas tinham entrado pela primeira vez no Mineirão horas antes. O jogador havia tomado todas as providências para acomodar sua família no estádio: na chegada, saltou do ônibus do clube a alguns metros da entrada privativa das delegações e assumiu a direção de seu Monza prateado 1986, levando-o portões adentro. "Elas são pés-quentes", contava o atacante depois do jogo. "Em toda decisão sempre carrego as duas para o campo. Dão uma sorte danada."

Soraia e Lívia confirmaram seus bons fluidos. Nunes não apenas assegurou sua condição de goleador do Campeonato Mineiro deste ano como também continuava, antes do jogo com o Uberaba, esta semana, situado entre os três maiores goleadores de toda a história dos campeonatos mineiros. Com seus 26 gols em 25 partidas, podia ultrapassar os 27 marcados por Mário de Castro, do Atlético, em 1927 — embora fosse muito difícil alcançar o maior artilheiro de todos os tempos no Estado: Dario fez 30 gols em 1969, pelo Galo.

Nunes, contudo, não participou de todos os jogos: fez sua estréia na quinta rodada do primeiro turno e assinalou o gol da vitória do Galo contra o Uberlândia, no Mineirão, dia 8 de fevereiro. Mas, se Dario é também o grande goleador do Mineirão (inaugurado em 1965) num só ano, Nunes é o segundo colocado, afastando o célebre Tostão, que marcou 25 gols pelo Cruzeiro em 1968.

Tais proezas já são capazes até mesmo de mudar o comportamento da enorme e exigente torcida atleticana. Dario é simplesmente uma boa lembrança, assim como Éder, Cerezo e Reinaldo, este, aos 29 anos, emprestado agora ao Rio Negro, de Manaus — os grandes ídolos do clube na última década. E mesmo nomes dos anos 50, como o lendário Ubaldo — 13 gols em 1953 e o mesmo número em 1958.

"Nunes, Nunes" — esse era o grito incansável dos torcedores do Galo, que ecoava em todas as partidas de que o artilheiro participou. No entanto, o craque prefere atribuir o êxito a todo o time. "Estamos num pique incrível", explica. "Temos uma boa defesa, os lançamentos longos e exatos de Zenon e os cruzamentos sob medida de Sérgio Araújo."

Mas a massa atleticana não está preocupada com recursos táticos ou técnicos. Para ela, o herói é Nunes. Maria Pinheiro, por exemplo, uma típica torcedora do clube, costureira de 66 anos, chegou mais cedo ao Mineirão domingo. Levava nas mãos uma velha camisa alvinegra e insistia junto aos seguranças para conseguir um autógrafo de Nunes. Ali, podia-se ver, Cerezo, Reinaldo e Éder já tinham deixado suas assinaturas. "Ele devia estar há mais tempo no Galo. Sua raça e vontade de vencer dão mais motivação até para a gente continuar vivendo."

"NA CHEGADA AO MINEIRÃO, NUNES SALTOU DO ÔNIBUS DO CLUBE E ASSUMIU A DIREÇÃO DE SEU MONZA PRATEADO 1986, LEVANDO-O PORTÕES ADENTRO"

4/5/86 MINEIRÃO (BELO HORIZONTE)
ATLÉTICO 6 X 0 ESPORTIVO
J: Custódio José Pereira; **P:** 28 900;
G: Nunes 10 e 15, Éverton 31 e 33 do 1º; Renato, 15 e Nunes 18 do 2º;
CA: Édson Gaúcho
ATLÉTICO: João Leite, Nelinho (Orlando), Batista, Luizinho e João Luiz; Vandinho (Paulo Isidoro), Éverton e Zenon; Sérgio Araújo, Nunes e Renato. **T:** Hílton Chaves
ESPORTIVO: Márcio; Élton, Eugênio, Ivo Calderon e Edson Gaúcho; Ivanildo, Orlando e Telo; Péricles (Flávio), Zucão e Elier (Dácio). **T:** Daniel Nogueira

AMANCIO CHIODI

João Leite à frente da volta olímpica, ao fundo o placar incontestável

COM ESTE TÍTULO, TELÊ SANTANA começaria a afastar a fama de pé-frio adquirida após a perda das Copas do Mundo de 1982 e 1986. Os atleticanos seriam eternamente gratos por isso

GOL DE TELÊ

O Atlético não dá canja ao Cruzeiro, ganha o título de 1988 e dedica a conquista ao ex-técnico da Seleção, que deixa o Mineirão emocionado

>> POR BRUNO BITTENCOURT

Quando o juiz José Cheu da Silva soou o apito final no Mineirão, domingo passado, selando a vitória que deu o título estadual de 1988 ao Atlético, o técnico Telê Santana imediatamente viu um mundo de ávidos microfones disputando suas palavras. Telê, no entanto, ficou mudo por alguns instantes. Ali, à beira do gramado, o ex-treinador da Seleção Brasileira não sabia o que dizer para descrever o momento que vivia. "É campeão, é campeão", sintetizava por ele a torcida alvinegra.

Com muita justiça, o Galo é campeão — já havia vencido o primeiro turno e, com a vitória de 1 x 0 sobre o histórico rival Cruzeiro, no fim de semana, levou o título. Assim, dispensou até a realização de um triangular final — meta da Raposa, que, para alcançá-la, necessitava de um simples empate que não veio. Logo aos 13 minutos do primeiro tempo, Renato avançou em diagonal pela direita e passou no meio a Sérgio Araújo. Este lançou Carlão em profundidade, que fez um cruzamento para Jason tocar de cabeça para o gol — o gol do título.

"Muito obrigado, garoto", agradecia Telê ao centroavante Jason, dando-lhe um abraço apertado. À medida que se soltava em delírio, o técnico era só agradecimentos à equipe. "O Atlético para mim é uma segunda casa", exaltava. "Sinceramente, nunca trabalhei com um grupo tão bom, dedicado, unido e profissional." Nem por isso Telê deixou de fazer um certo suspense sobre o seu futuro. "Estou cansado", dizia. "Pode ser que dê um tempo."

Emocionado, o médico Neylor Lasmar, ex-integrante da comissão técnica de Telê nas duas últimas Copas do Mundo, não lhe poupou elogios. "Tínhamos que ser campeões juntos um dia", vibrava. "Eu queria este título por ele." Nos ombros dos goleiros João Leite e Rômulo, o veterano treinador era carregado para a frente da torcida alvinegra — que neste campeonato rendeu ao Atlético um público médio de apenas 3 991 pessoas (na Copa União os jogos do Galo tiveram uma média de 34 195 pagantes).

Ovacionado, Telê viveu um momento único em seus últimos 11 anos. Sua derradeira conquista datava de 1977, quando levou o Grêmio ao título de campeão gaúcho. No domingo, finalmente, Telê esquentou o pé. Para o Atlético foi uma volta à rotina — em sua história é o 32º título, sete deles conquistados apenas nesta década, 11 na chamada Era Mineirão.

"Dar mais uma volta olímpica com a camisa do Galo é sempre uma alegria", festejava o veterano goleiro João Leite, autor de uma bela defesa numa cabeçada à queima-roupa do zagueiro Heraldo — por sinal, um dos poucos momentos de perigo vividos pela defesa.

"Sei que a torcida tem loucura por ele", comentava o zagueiro João Pedro sobre Luizinho, titular da posição. "Mas fiquei feliz pela oportunidade e tenho certeza de que o substituí à altura." Luizinho, suspenso, preferiu torcer e vibrar de sua casa em Nova Lima, distante 20 km de Belo Horizonte.

Sem dúvida, o resultado poderia ter sido mais expressivo. O ponta Sérgio Araújo, contundido e depois barrado numa seqüência de partidas, provou que ainda não saciou seu apetite de bola: infernizou a vida do experiente lateral Wladimir. "Procurei me mexer bastante para abrir espaços", disse. Ao seu lado, o meia Renato engrossou o coro: "A equipe esteve perfeita no primeiro tempo, mas não tivemos sorte nas finalizações."

"O PONTA SÉRGIO ARAÚJO, CONTUNDIDO E DEPOIS BARRADO NUMA SEQÜÊNCIA DE PARTIDAS, PROVOU QUE AINDA NÃO SACIOU SEU APETITE DE BOLA: INFERNIZOU A VIDA DO EXPERIENTE LATERAL WLADIMIR"

10/7/88 MINEIRÃO (BELO HORIZONTE)
ATLÉTICO 1 X O CRUZEIRO
J: José Chéu da Silva; **R:** Cz$ 6 811 850; **P:** 23 177; **G:** Jason 13 do 1º; **CA:** Ramón, João Pedro, Éder e Sérgio Araújo
ATLÉTICO: João Leite, Carlão, Flávio, João Pedro e Lourenço; Éder Lopes, Vânder Luís e Renato; Sérgio Araújo (Aílton), Jason (Moacir) e Marquinho Carioca.
T: Telê Santana
CRUZEIRO: Wellington, Balu, Vilmar (Édson Sousa), Gilmar Francisco e Wladimir; Heraldo, Éder e Heriberto (Agnaldo); Róbson, Hamílton e Ramón.
T: Zé Carlos Bernardo

NELIO RODRIGUES

Carlão leva a taça na volta olímpica: conquista arquitetada por Telê

O ATLÉTICO ENCOSTAVA NO CRUZEIRO EM TÍTULOS NO MINEIRÃO: já eram 11, contra 12 do rival. Garantida por antecipação contra o Democrata, a conquista foi confirmada com um incontestável 3 x 0 no clássico mineiro

EL REY DAS MINAS GERAIS

Desde 1976, o Mineirão tem um novo senhor: o Galo, campeão 11 vezes, contra apenas três do Cruzeiro

>> POR MANUEL MUNIZ

Não poderia haver melhor forma de comemorar uma grande conquista. Os rivais cruzeirenses, já humilhados por perderem um título antecipadamente, sofriam no domingo, dia 9, com o pior dos castigos. O jogo ainda não acabara, a torcida alvinegra gritava "olé" e o Atlético enfiava acachapantes 3 x 0 no inimigo número 1. Era a confirmação incontestável do bicampeonato. Era também a comprovação do que todos já sabiam: o Galo é quem manda no Mineirão.

Pois houve época em que o estádio Magalhães Pinto parecia palco exclusivo de alegrias cruzeirenses. De 1965 – quando foi inaugurado – até 1975, se o Atlético ficou com o título em 1970 e o América em 1971, a Raposa colecionou outras nove faixas. Só que, desde então, o Mineirão – como todo o estado – tem um novo senhor: o Galo, campeão 11 vezes, contra apenas três do Cruzeiro.

Poucas vezes, porém, o atleticano divertiu-se tanto com a dor alheia. No domingo, nenhum ingrediente faltou para escarnecer o adversário. Antes mesmo de o jogo começar, o Cruzeiro até que tentou evitar a entrega da taça aos campeões. "Ainda faltam algumas rodadas", apelava um diretor, em vão. "O choro é livre. O bi é nosso", zombava o presidente do Galo, Afonso Paulino. No meio do campo, dezenas de crianças, devidamente uniformizadas, cantavam e dançavam em torno do símbolo do clube, materializado num boneco com 2 m de altura: "Eeê! Ooô! O Galo é quem manda em Belô!" Durante a partida, os dois gols de Renato e o outro do ponteiro Robertinho completaram o grande dia.

Uma conquista fácil? Nem tanto. Por pouco o excesso de otimismo não faz a taça mudar de mãos. No domingo retrasado, bastava uma vitória sobre o América para o Atlético comemorar seu 33º título estadual. "Eles nos surpreenderam", confessava o técnico Jair Pereira, atônito com a derrota de 2 x 1. A lição, no entanto, foi rapidamente assimilada. "Não podemos mais esperar que o resultado saia naturalmente", ensinou o treinador.

A vítima da nova filosofia já estava escolhida: o Democrata, de Sete Lagoas. Na quarta, dia 5, 2 mil torcedores atleticanos invadiram o acanhado estádio Duarte de Paiva certos de que dali sairia o campeão. "Não vai haver problemas", anunciava um confiante capitão Luizinho, antes da partida.

Ele estava certo. Aos 18 minutos do segundo tempo, o lateral Paulo Roberto abria o marcador. Doze minutos depois, o meia Renato completava: Galo 2 x 0. Bicampeão!

Era a hora da festa. E o primeiro a ser carregado nos ombros foi o técnico Jair Pereira. "Oferecemos o título a ele", emocionava-se o ponta-direita Robertinho. E quem explica a extraordinária fase do centroavante Gérson? Num irresistível ataque que marcou 75 gols em 28 jogos (média de 2,67 por partida), ele foi autor de dezoito. Outro herói deste título com a marca do técnico é Renato. "Aqui encontrei calor humano e apoio", reconhece o meia, que, no domingo, despediu-se em lágrimas do clube. Agora, ele vai para o Nissan, do Japão, time do ex-companheiro de São Paulo e técnico Oscar.

Mas nenhum dos milhares de atleticanos que saíram do Mineirão, no fim de semana, queria pensar sobre isso. Domingo era um feliz dia de correr atrás daquele já familiar caminhão dos bombeiros. Afinal, era dia del Rey. Galôôô!

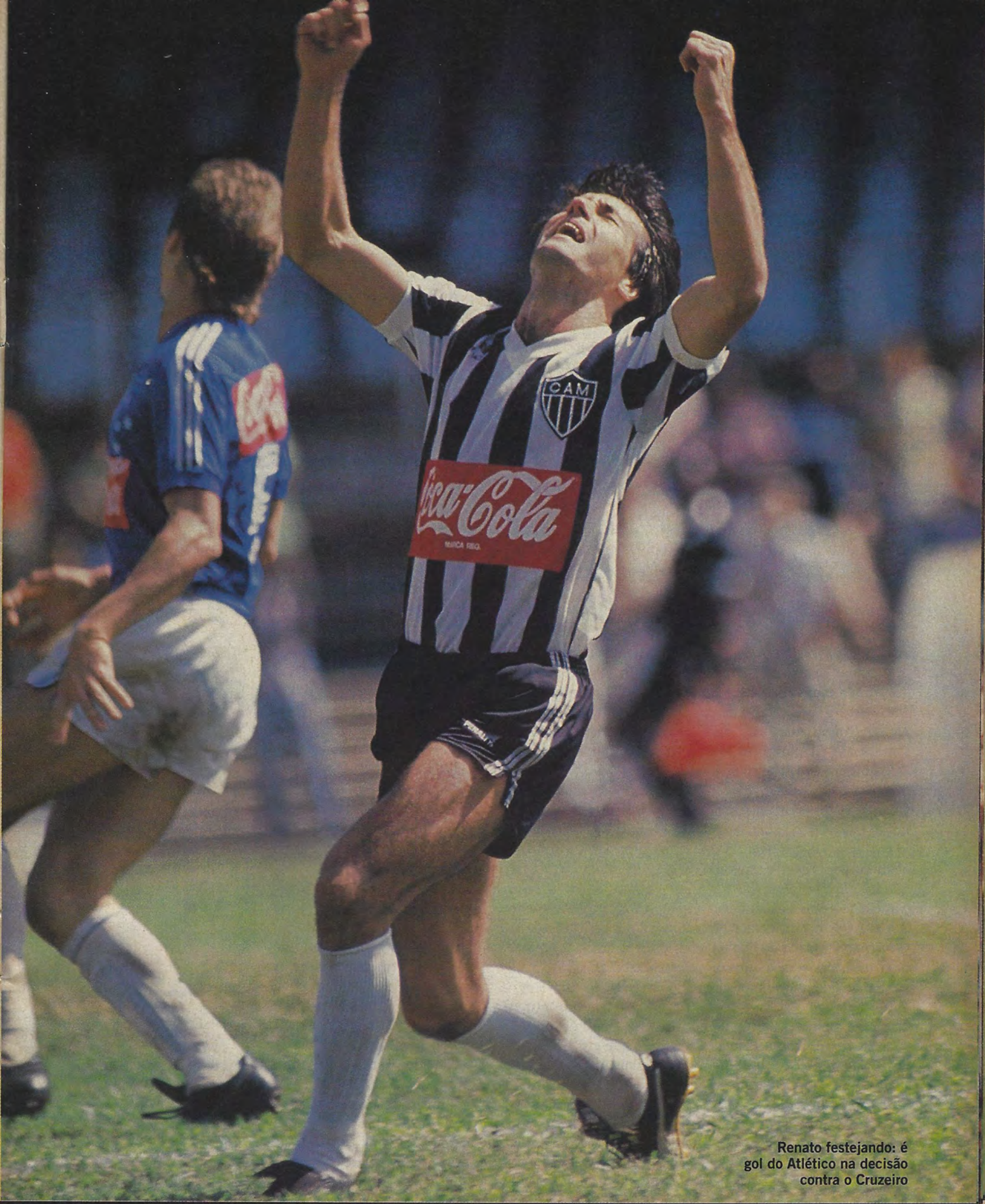
"NO DOMINGO, NENHUM INGREDIENTE FALTOU PARA ESCARNECER O ADVERSÁRIO. ANTES MESMO DE O JOGO COMEÇAR, O CRUZEIRO ATÉ QUE TENTOU EVITAR A ENTREGA DA TAÇA AOS CAMPEÕES. 'AINDA FALTAM ALGUMAS RODADAS', APELAVA UM DIRETOR, EM VÃO"

9/7/89 MINEIRÃO (BELO HORIZONTE)

ATLÉTICO 3 X 0 CRUZEIRO

J: Márcio Rezende de Freitas; **R:** NCz$ 37 342; P: 13 168; **G:** Renato 41 e Robertinho 44 do 1º; Renato 9 do 2º; **CA:** Rômulo, Zanata, Tobias e Edemílson

ATLÉTICO: Rômulo, Zanata, Batista, Tobias e Paulo Roberto (Carlão); Éder Lopes, Marquinhos e Renato (Moacir); Robertinho, Gérson e Éder. **T:** Jair Pereira

CRUZEIRO: Pereira, Balu, Gílson Jáder, Adílson e Genílson (Gílson); Ademir, Paulo Isidoro e Heriberto; Betinho, Hamílton e Edemílson. **T:** Ênio Andrade

Renato festejando: é gol do Atlético na decisão contra o Cruzeiro

COM A AJUDA DO VETERANO JOÃO LEITE, o Atlético recuperou o título estadual perdido em 1990. Como tantas vezes antes, a taça foi garantida uma rodada antes de pegar o Cruzeiro

UMA VITÓRIA DE VELHOS HERÓIS

Até a volta dos veteranos, o Galo parecia um time esquálido ante o poderio do arquiinimigo Cruzeiro, campeão do ano passado

João Leite, Edivaldo e Sérgio Araújo estavam de novo com a camisa do Galo. E, com eles, a hegemonia em Minas voltou para a Vila Olímpica A conquista do 34º título mineiro do Atlético teve o doce sabor dos velhos tempos. De repente, como em um retorno ao passado, lá estavam os ídolos João Leite e Edivaldo, além do ponta Sérgio Araújo, dando a volta olímpica no Mineirão, depois da vitória por 2 x 0 sobre o Democrata de Governador Valadares. "Voltei para casa, onde meu futebol ganhará ainda muitos anos de vida", festejava o goleiro João Leite. A mesma alegria demonstrava o ex-ponta-esquerda Edivaldo, hoje jogando na meia. "Eu disse que viria para ser campeão", orgulha-se, vingado de sua apagada passagem pelo Palmeiras.

A euforia se justificava. Até a volta dos veteranos, o Galo parecia um time esquálido ante o poderio do arquiinimigo Cruzeiro, campeão do ano passado. De fato, nos primeiros jogos do campeonato, o Galo não foi bem, mas deu para se classificar em primeiro no Grupo A, onde oito times buscavam um lugar no hexagonal decisivo. "Difícil mesmo, naquela época, foi segurar as críticas da imprensa e da torcida", conta o jovem meio-campo Moacir. "Foi aí que decidimos diminuir a carga de exercícios", constatou o preparador físico Cláudio Café.

Os 2 x 0 impostos ao Cruzeiro ainda no primeiro turno das finais foram justamente o que o time precisava para deslanchar de vez. A vantagem de dois pontos sobre o rival não se desfez mais até a penúltima rodada, quando o Atlético entrou em campo para enfrentar o Democrata de Governador Valadares.

Os quase 30 mil atleticanos que foram ao Mineirão nesta noite estavam certos do título. Jair Pereira orientou o time para "dar um choque elétrico" logo de cara no valente time do interior. Zé Carlos, campeão brasileiro pelo Bahia, que veio do Inter para o Atlético, fez o primeiro, com um tiro de fora da área, e Aílton completou a festa ainda no fim do primeiro tempo.

O jogo com o Cruzeiro, na última rodada, transformou-se em mero cumprimento de tabela, um tira-teima entre os campeões do estado e da Supercopa da Libertadores. Qualquer que fosse o resultado, porém, uma verdade já havia sido levantada dias antes pelo ponta Sérgio Araújo, que, em meio às comemorações, decretou: "Mostramos que ainda somos os melhores de Minas." Como nos velhos e bons tempos.

"O EX-PONTA-ESQUERDA EDIVALDO, HOJE JOGANDO NA MEIA, ORGULHAVA-SE: 'EU DISSE QUE VIRIA PARA SER CAMPEÃO'"

11/12/91 MINEIRÃO (BELO HORIZONTE)

ATLÉTICO 2 X O DEMOCRATA-GV

J: Marco Lopes dos Santos; **R:** Cr$ 49 069 500; **P:** 28 431; **G:** Zé Carlos 25 e Aílton 44 do 1º; **CA:** Élder, Edinho, Valmir e Alfinete
ATLÉTICO: João Leite; Alfinete, Cléber, Tobias e Paulo Roberto; Éder Lopes, Moacir e Zé Carlos (Amauri); Sérgio Araújo (Renatinho), Aílton e Edu Lima.
T: Jair Pereira
DEMOCRATA-GV: Sílvio; Coqui, Parreira, Valmir e Baiano; Páscoa (César), Armando e Marcelo Alves; Edinho (Paulo Sérgio), Gilmar e Élder. **T:** Zé Maria Pena

NELIO RODRIGUES

Aílton (9) comemora o seu gol, o gol que garantiu o título

O ATLÉTICO CONQUISTOU a primeira edição da taça criada pela Sul-Americana. Havia grandes times na disputa: Peñarol, Grêmio, Vélez, Fluminense. A final foi no acanhado estádio do Olimpia. O Atlético vencera o primeiro jogo por 2 x 0 e se garantiu

O ALEGRE CARNAVAL DO GALO

Motivado pelas conquistas internacionais de seu maior rival, o alvinegro ganha um título inédito e faz de Minas uma festa

Como por encanto, Minas Gerais pintou-se de preto e branco em pleno mês de setembro. A decisão do Campeonato Mineiro ainda estava distante, mas, mesmo assim, os estádios lotavam a cada partida do Atlético. Tudo para assistir aos jogos da recém-criada Taça Conmebol, incapaz de empolgar os torcedores de outros clubes. Com o alvinegro, no entanto, era diferente. Cansados de ver o Cruzeiro conquistando torneios internacionais, como a Supercopa da Libertadores, os atleticanos entraram com força total na competição e levantaram o seu primeiro troféu internacional reconhecido oficialmente.

Mesmo assim, no início da campanha, os alvinegros tiveram motivos de sobra para duvidar da sorte da equipe. Na estréia, contra o Fluminense, em Juiz de Fora, o Galo perdeu por 2 x 1, assustando sua torcida. A derrota, no entanto, veio na hora exata. Na partida seguinte, contra o mesmo tricolor carioca, o Atlético teve uma exibição de gala, aplicou sonoros 5 x 1 e passou para a fase seguinte.

Foi aí que apareceu o maior obstáculo. Diante de equipes desconhecidas, como o Atlético Junior de Barranquilla (seu adversário direto nas quartas-de-final), tudo passava a ser uma incógnita. Para piorar, a equipe trocara o técnico Vantuir por Procópio Cardoso em plena competição. Mesmo assim o Atlético alcançou um empate em 2 x 2 na Colômbia. No jogo de volta, a equipe deu um show, venceu por 3 x 0 em Belo Horizonte e garantiu a passagem para as semifinais, contra o Nacional, do Equador.

O problema, porém, continuava o mesmo. Sem conhecer o adversário, o Galo mais uma vez foi derrotado na primeira partida, dessa vez por 1 x 0, em Quito. Outra vez, no entanto, reagiu e ganhou por 2 x 0 a partida decisiva. Daí em diante, não havia mais motivos para desconhecer os rivais. Afinal, o Galo enfrentaria na decisão o tradicional Olimpia, do Paraguai, ex-campeão da Taça Libertadores e do Mundial Interclubes. Assim, com um futebol extremamente envolvente, o Atlético venceu por 2 x 0 o primeiro jogo decisivo, no Mineirão, e elegeu o herói da conquista: o meia Negrini, contratado no início do segundo semestre ao Atlético-PR, que marcou os dois gols da vitória.

Com a tranqüilidade dos dois pontos, o alvinegro rumou para Assunção disposto à guerra pelo troféu. Segurou o empate em 0 x 0 durante 89 minutos, mas aos 44 do segundo tempo sofreu um gol espírita do atacante Caballero. Resistiu a tudo. Até às bombas atiradas pelos paraguaios, que provocaram a interdição do Estádio Manuel Ferreira, em Assunção. O resultado de 1 x 0 assegurou a conquista no saldo de gols. Por isso, ao apito do juiz uruguaio Ernesto Filippi, uma festa incrível tomou conta de Belo Horizonte. Afinal, a partir de agora, os cruzeirenses não têm mais, em Minas Gerais, a honra solitária de possuir em sua galeria troféus internacionais. Motivo mais do que justificável para fazer, em Belo Horizonte, o mais animado carnaval dos últimos tempos. E em pleno mês de setembro.

"CANSADOS DE VER O CRUZEIRO CONQUISTANDO TORNEIOS INTERNACIONAIS, COMO A SUPERCOPA DA LIBERTADORES, OS ATLETICANOS ENTRARAM COM FORÇA TOTAL NA COMPETIÇÃO"

23/9/92 M.FERREIRA (ASSUNÇÃO)
OLIMPIA 1 X 0 ATLÉTICO
J: Ernesto Filippi (Uruguai); **P:** 23 000;
G: Caballero 44 do 2º
OLIMPIA: Goicochea; Cáceres, Núñez, Mario Ramírez e Soares; Adolfo Jara, Vidal Sanabria e Jorge Campos (Caballero); Miguel Sanabria, Samaniego e Gabriel (González). **T:** Roberto Perfumo
ATLÉTICO: João Leite; Alfinete, Luís Eduardo, Ryuler e Paulo Roberto; Éder Lopes, Moacir e Negrini (André); Sérgio Araújo, Aílton (Toninho Pereira) e Claudinho. **T:** Procópio Cardoso

EUGÊNIO SÁVIO

Paulo Roberto e a primeira taça sul-americana do Atlético

PLACAR CONVIDOU o baterista do Skank, atleticano doente, para relatar sua emoção em mais uma conquista estadual em cima do Cruzeiro

GALÔÔÔ!!

Não deu nem para a saída. O Atlético ficou com o Campeonato Mineiro sem precisar do quadrangular decisivo. O melhor da conquista, na interpretação da banda Skank

» POR LELO ZANETI

No jogo decisivo do Campeonato Mineiro deste ano, o Skank estava fazendo um show na praia de Ipanema, no Rio. A cada gol marcado pelo Atlético, nosso empresário, Fernando Furtado, passava a informação para o palco. Foi ótimo. O Samuel, nosso vocalista, que é cruzeirense roxo, teve que agüentar a barra. Campeão estadual, show de bola, 3 x 1. Tudo ao mesmo tempo.

O Galo começou a arrumar o time depois de ser desclassificado pelo Corinthians no Brasileiro do ano passado. Trocou a diretoria, vieram novas contratações. Ganhar o Mineiro era questão de honra. Arrebentamos logo no início, nove gols em dois jogos. Enfiamos cinco no Democrata lá em Governador Valadares. O primeiro turno foi uma moleza. Tinha goleada em toda rodada. O Taffarel segurava lá atrás e o Renaldo matava na frente. Nosso time estava muito equilibrado. Acho que é mérito do Levir Culpi, um técnico pouco conhecido, mas competente. Foi ele quem fez o Renaldo jogar bola. O Levir também armou o time de forma um pouco mais ofensiva. Deu resultado.

Acho que disparamos porque todo mundo na equipe estava engasgado. O Galo precisava mostrar para Minas que continua muito forte. No segundo turno, perdemos algumas partidas bestas. Mesmo assim, lideramos com certa facilidade. O Cruzeiro em nenhum momento chegou a assustar.

Por uma bobeira, o título não veio em Itabira. O Valério marcou um golzinho meio sem querer e adiou a final para o jogo contra o Cruzeiro. Melhor assim. Final de campeonato tem que ser contra o principal rival. Eles não tiveram a menor chance. Saiu o gol logo no início do segundo tempo. Em seguida o Renaldo detonou. Dois golaços históricos. É por isso que ele é chamado de "carrasco do futebol mineiro". O cara, até pouco tempo atrás, não tinha moral nenhum no time. Eu mesmo confiava muito mais no Reinaldinho. O Renaldo, além de botar o moleque no banco, foi o artilheiro do Mineiro. Não é demais?

Foi um show. Ganhamos o campeonato dispensando a disputa do quadrangular. Não teve para ninguém. Por causa das excursões do Skank, não sobra muito tempo para ir ao estádio. Eu queria assistir à final, só que a banda estava em cima do palco. O Samuel sofreu nas nossas mãos. Eu e o nosso baterista Haroldo, que é Galo também, dividimos o mesmo ódio pelo Flamengo. Já fomos roubados por eles em Libertadores e no Brasileiro. Melhor que vencer o Flamengo, só mesmo massacrar o Cruzeiro. Claro que esse time do Atlético não é comparável aos nossos velhos esquadrões. Daniel Frasson, Carlos e Euller não são iguais a Toninho Cerezo, Paulo Isidoro e Reinaldo. Mas o título, de certa forma, me deixou aliviado. Lavou a alma.

"EU QUERIA ASSISTIR À FINAL, SÓ QUE A BANDA ESTAVA EM CIMA DO PALCO. O SAMUEL SOFREU NAS NOSSAS MÃOS"

4/6/95 MINEIRÃO (BELO HORIZONTE)
ATLÉTICO 3 X 1 CRUZEIRO
J: Javier Castrilli (Argentina); **R:** R$ 307 782; **P:** 34 733; **G:** Daniel Frasson 3, Renaldo 7 e 22, Marcelo Ramos 29 do 2º; **CA:** Arley Álvares, Serginho, Ademir, Ricardinho e Euller
ATLÉTICO: Taffarel, Paulo Roberto Costa, Ronaldo, Luiz Eduardo e Dinho; Éder Lopes, Daniel Frasson, Carlos e Éder (Gutemberg); Euller (Reinaldo) e Renaldo. **T:** Levir Culpi
CRUZEIRO: Dida, Nonato, Arley Álvares, Rogério e Serginho; Ademir, Pingo, Belletti (Maurício) e Ricardinho; Cleison e Marcelo Ramos. **T:** Ênio Andrade

Renaldo deixa Dida na saudade: faltou só um "i" para ele virar o novo rei

O AMÉRICA HAVIA MONTADO UM TIME FORTÍSSIMO. Chegou bem perto do título, mas no fim pesou a camisa atleticana

GARRA DE CAMPEÃO

Diante do seu maior rival, o time mostrou ser forte e vingador, como diz a letra de seu hino

>> POR DIVINO FONSECA

Com a conquista no peito e na raça do seu 37° título mineiro, o Atlético mostra por que é, de longe, o Rei das Gerais Foi um sufoco. Há muito o Atlético não mostrava tanta raça num jogo como na final deste Campeonato Mineiro. Só mesmo aos 45 minutos do segundo tempo, quando o técnico Darío Pereyra se virou e pediu para a torcida gritar "Galo", é que os gritos de campeão dominaram o Mineirão todo alvinegro. Nem mesmo a vantagem de jogar o playoff final com um ponto de bonificação serviu para o Atlético ficar tranqüilo. A faixa de campeão só foi garantida de verdade na última partida, num sofrido 1 x 0, gol de Lincoln, gol de pênalti. Nos dois jogos anteriores, o caneco esteve mais próximo do rival América do que do Galo. No primeiro confronto, o Coelho venceu por 2 x 1. No segundo, o Galo ainda saiu na frente, mas teve que se contentar com o empate em 1 x 1.

Nada disso, porém, conta agora. Com o título de 1999, o Atlético se firma como o maior ganhador em Minas neste século. O time alvinegro chegou a sua 37ª conquista e ampliou sua enorme vantagem sobre os demais times do Estado (o Cruzeiro tem 29 títulos e o América, 14).

O título veio após uma arrancada fenomenal nas últimas rodadas da fase de classificação. Foram cinco vitórias em cinco jogos, sendo que em quatro deles o Galo precisava não só conquistar três pontos, mas ainda torcer por tropeços de Cruzeiro e América. O time não decepcionou e os adversários colaboraram. O Galo chegou à última rodada, quando faria o clássico contra o Cruzeiro, dependendo apenas de si para ir às finais.

Diante do seu maior rival, o time mostrou ser forte e vingador, como diz a letra de seu hino. Venceu a partida por 2 x 0, terminou a primeira fase na primeira colocação e conquistou um ponto extra para as finais. De quebra, ainda provocou a desclassificação dos cruzeirenses, que buscavam o tetracampeonato.

Mas como dizem que tudo para o Galo tem de ser sofrido, os atleticanos levaram um susto nas finais. Nas duas primeiras partidas, o time entrou em campo sem a vibração das últimas rodadas e errou muito. Mas, mesmo não apresentando um futebol espetacular, a equipe teve garra e acabou com o jejum que durava desde 1995, ano de seu último título estadual.

O título teve ainda mais sabor devido aos problemas enfrentados neste ano. Depois de perder a Copa dos Campeões de Minas Gerais para o Cruzeiro, os dirigentes demitiram Toninho Cerezo, colocaram Darío Pereyra no comando e começaram a contratar. Ao todo, foram nove jogadores, sendo que alguns deles, como Belletti e Walmir, só chegaram em maio. O time começou claudicante, já que sentia a falta de entrosamento. Mas bastaram algumas partidas para que as coisas começassem a dar certo e a sonhada conquista chegasse.

"DIANTE DO SEU MAIOR RIVAL, O TIME MOSTROU SER FORTE E VINGADOR. VENCEU POR 2 X 0 E PROVOCOU A DESCLASSIFICAÇÃO DOS CRUZEIRENSES, QUE BUSCAVAM O TETRACAMPEONATO"

4/7/99 MINEIRÃO (BELO HORIZONTE)

ATLÉTICO 1 x 0 AMÉRICA

J: Paulo César de Oliveira (SP); **R:** R$ 680 384; **P:** 72 680; **G:** Lincoln (pênalti) 34 do 1°; **CA:** Caçapa, Milagres, Ruy, Belletti, Gallo, Bruno, Estevam e Dênis

ATLÉTICO: Émerson; Walmir, Neguete, Caçapa e Ronildo; Gallo, Belletti (Edgar), Lincoln (Mancini) e Robert; Curê (Bruno) e Marques. **T:** Darío Pereyra

AMÉRICA: Milagres; Estevam, Dênis, Wellington Paulo e Marcos Paulo (Fabrício); Gilberto Silva, Ruy (Henrique), Boiadeiro e Irênio; Rinaldo (Álvaro) e Somália.

T: Flávio Lopes

Gallo, com a cabeça enfaixada, encara Irênio: imagem-símbolo de 1999

HÁ MUITO TEMPO SE SABIA QUE O SÉCULO XX TERMINARIA COM O GALO bem à frente do Cruzeiro. Restava determinar o placar final. Ficou em 38 x 30

CAMPEÃO DO SÉCULO

Com 38 conquistas, o Atlético deixa para trás o rival Cruzeiro em Minas Gerais

No campeonato do ano 2000, Ramón fez o gol decisivo O grito de "bicampeão" atravessou a noite, e havia bons motivos para comemorar. Em Minas, o Atlético é o campeão do século. Amealhou a 38ª taça de sua história e, de quebra, terminou o milênio com oito troféus à frente do arqui-rival Cruzeiro.

O Atlético comeu pelas beiradas. Abocanhando ponto a ponto o título, que premiou a competência. Em 16 jogos, o Galo só perdeu dois e empatou três. Assim mesmo, as duas derrotas aconteceram diante dos tradicionais rivais América e Cruzeiro. Detalhe: o Galo só perdeu nessas duas ocasiões quando escalou um mistão para poupar os titulares na Libertadores da América.

O Atlético sobrou tanto no Mineiro 2000 que chegou a ficar dez pontos à frente do Cruzeiro, o segundo colocado. A torcida festejou em dobro. Dentro de campo, viu um futebol vibrante e irresistível do seu time. Fora, vibrou com os tropeços dos concorrentes diretos Cruzeiro e América, que só conseguiam vencer no sufoco.

A trajetória não poderia começar melhor. O time deslanchou com quatro vitórias consecutivas, sobre Rio Branco, de Andradas, Villa Nova, de Nova Lima, Ipatinga e Democrata, de Governador Valadares. Só manchou a campanha com um empate, na quinta rodada, contra a URT, em 1 x 1, mas teve uma recuperação estrondosa. No jogo seguinte, a torcida já pôde comemorar uma vitória sobre o América por 2 x 1.

O Atlético bicampeão 1999/2000 também foi um algoz de técnicos. Em cinco rodadas derrubou três treinadores. No domingo de Páscoa, presenteou sua torcida com um chocolate em cima do Cruzeiro por 4 x 2 e provocou a queda do ex-técnico cruzeirense Paulo Autuori. Na quarta-feira seguinte, o Atlético goleou o Ipatinga, filial do Cruzeiro, por 4 x 2, no Ipatingão, e forçou a demissão do ex-técnico ipatinguense Toninho Almeida. Por fim, duas semanas depois o arrasador expresso atleticano ainda desbancou o ex-técnico do Villa Nova, Osmar Guarnelli, com uma vitória de 3 x 1, no Mineirão.

Resultado: a três rodadas do final, o Atlético já estava classificado e com um ponto de bonificação, que ajudou, e muito, a despachar o Cruzeiro no segundo jogo da decisão e dissipou qualquer dúvida sobre quem seria o campeão.

O primeiro tempo da decisão teria sido dos goleiros (Velloso fez duas defesas espetaculares e André uma), não fosse por Ramón. Ele recebeu passe de Marques, entrou rasgando pelo lado esquerdo da área e tocou de canhota, fora do alcance do goleiro cruzeirense. No segundo tempo, o técnico Marco Aurélio mandou o time ao ataque, no desespero. O desafio era, de fato, enorme. O Cruzeiro precisava vencer para forçar um terceiro jogo, no qual o Atlético ainda teria a vantagem do empate. Márcio Araújo pôs Valdir e Gallo na cola de Geovanni e Fábio Júnior. Foi o bastante para conter a pressão cruzeirense. A tática só falhou aos 39 minutos do segunto tempo: Geovanni cruzou e Fábio Júnior empatou, mas não foi o suficiente para atrapalhar a festa atleticana. Depois do jogo, emoção na entrega da taça por Telê Santana, técnico do Galo no Brasileiro de 1971.

"O CRUZEIRO PRECISAVA VENCER PARA FORÇAR UM TERCEIRO JOGO, NO QUAL O ATLÉTICO AINDA TERIA A VANTAGEM DO EMPATE"

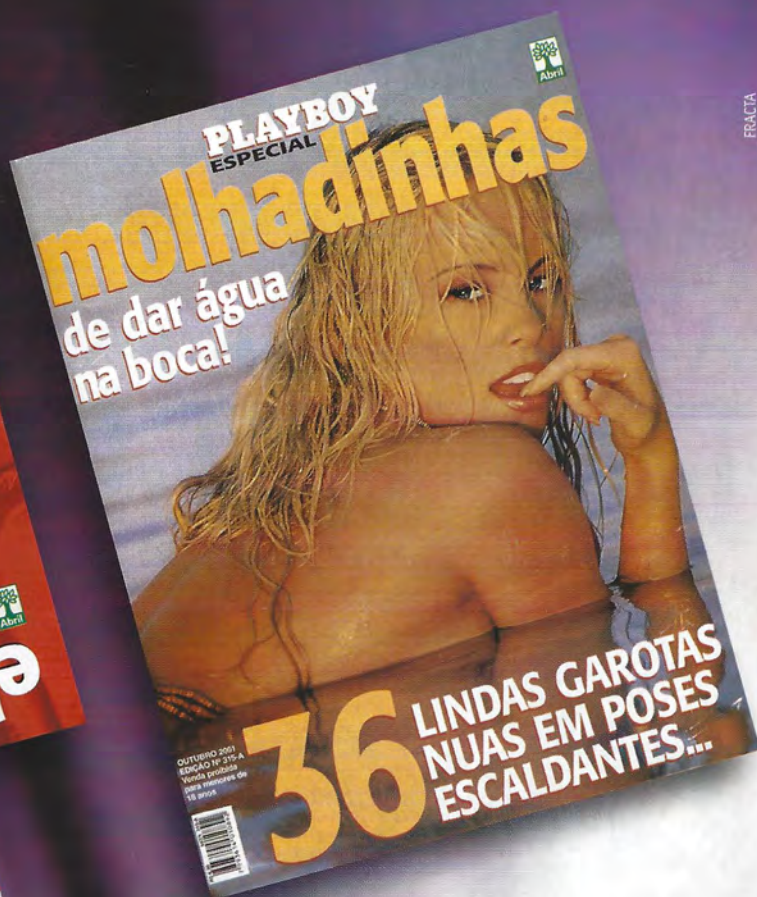
8/6/2000 MINEIRÃO (BELO HORIZONTE)
ATLÉTICO 1 x 1 CRUZEIRO
J: Oscar Roberto Godoi (PR); **R:** R$ 107 285; **P:** 19 853; **G:** Ramón 28 do 1º; Fábio Júnior 39 do 2º; **CA:** Lincoln, Velloso, Bruno, Gallo, Guilherme, Marques, Donizete Oliveira, Cléber Monteiro; **E:** Ramón, Cléber, Jackson
ATLÉTICO: Velloso, Bruno (Mancini), Gilberto Silva, Caçapa e Ronildo; Gallo, Cleison (Márcio), Ramón e Lincoln (Valdir Benedito); Guilherme e Marques.
T: Márcio Araújo
CRUZEIRO: André, Cléber Monteiro (Fábio Júnior), Alexandre, Cléber e Sorín; Donizete Oliveira, Ricardinho (Geovanni), Jackson e Viveros; Zé Roberto (Müller) e Oséas.
T: Marco Aurélio

EUGÊNIO SÁVIO

Guilherme na decisão:
pé-quente contra
o Cruzeiro

ATLÉTICO CAMPEÃO BRASILEIRO 1971

EM PÉ: Renato, Humberto Monteiro, Grapete, Vanderlei, Vantuir e Odair; **AGACHADOS:** Ronaldo, Humberto Ramos, Dario, Beto e Romeu

CÉLIO APOLINÁRIO

A HISTÓRIA DA ARTE

Uma coletânea com as melhores matérias e fotos dos 13 maiores clubes brasileiros, publicadas em PLACAR desde os anos 70.

Peça já ao seu jornaleiro